

BLOCO 1

Sujeito 1: Tá gravano já...

Ana Carla: Bom, a questão da relação da... de viver na rua, você acha que tem a ver com a classe social, com desigualdade social, com pobreza?

Sujeito 1: Não... qualquer classe social, qualquer pessoa está sujeito a isso. Eu tava falando um negócio interessante... O que que era? Eu esqueci... Da recaída. Isso. Da recaída... Que...

Ana Carla: Porque você falou que tem mulheres, quer dizer, as pessoas vão por conta de drogas, de violência...

Sujeito 1: É, de drogas, de violência doméstica, até uns retardado vai por causa de muié. Mais, que nem, esse cidadão que eu te falei que ele é, que ele estuda bastante sobre isso, ele vai abrir até uma clínica, ele memo falou... A RECAÍDA não começa quando você usa a DROGA, a recaída vem antes disso. A droga é a CONSEQUÊNCIA da recaída, vamos supor, por exemplo, vamos dar um exemplo... A senhora brigou com o seu marido, a senhora tá nervosa, brigou com o seu marido, daí a senhora pega o seu carro e sai da sua casa. Essa foi a sua recaída. Se a senhora vai pra biqueira fumar uma maconha, se a senhora vai tomar uma cervejinha, isso aí... É a consequência. A sua recaída começou aonde? Quando a senhora brigou com o seu marido e saiu de casa, aí que começou.

Ana Carla: Ou se sofreu uma violência, alguma coisa...

Sujeito 1: É, é aí que começa a recaída. Muita gente fala: ah não, é... é... não, você teve uma recaída, ô louco, você fumou? Não, ah... Fumei. E os outros acha que se limita só a isso. Não isso daí é (...)

BLOCO 2

Ana Carla: Bom, representação da rua. Você já falou sobre dificuldades enfrentadas na rua?

Sujeito 1: Já, não já?

Ana Carla: Já. Forma de sobrevivência... Você já falou também, né?

Sujeito 1: Eu acho que também já.... (Eu queria fumar, mas aqui não pode fumar...)

Ana Carla: Experiências marcantes, positivas e negativas. Tem alguma experiência positiva desse período de rua?

Sujeito 1: Não... Que seja relevante o ponto de eu lembrar eu acho que não.

Ana Carla: E negativa?

Sujeito 1: Bom, acho que a própria experiência em si já é negativa, né? ((risos))

Ana Carla: Sim, a violência...

Sujeito 1: É...

Ana Carla: Tá...

Sujeito 1: A parte negativa já se enquadra no contexto da sua tese.

Ana Carla: Sim. Redes de apoio, por exemplo, além dos serviços públicos, dos abrigos que você já falou um pouquinho, eu sei que existe uma rede informal aí, de apoio aos moradores de rua. Por exemplo, em São José dos Campos, tem grupo de... Que entrega sopa, né, pro pessoal de rua. Existe outro serviço assim? Você já teve contato quando você teve nesse momento de rua aí? Pessoas da sua cidade que dessem apoio pra vocês?

Sujeito 1: Na época não... Hoje em dia existe bastante, mas na época não tinha muita coisa não...

Ana Carla: Quando você começou não... Não tinha?

Sujeito 1: Na época, cada um por si. De vez em quando, muito de vez em quando passava umas dona maria de carro e deixava um marmitex pra mim. Era MUITO difícil elas passar...

Ana Carla: Você acha que essa rede de apoio tava ligada normalmente à pastoral, igreja, essas coisas, ou você não sabe dizer?

Sujeito 1: Tem até... Tem até grupo de maçonaria que faz boa ação pros mendigo na rua... Isso aí não tem como dizer não.

Ana Carla: Isso HOJE tem, né?

Sujeito 1: Hoje tem. Tem um carinha que dá doi real pros mendigo que ele acha lá na rodoviária, todo domingo de manhã.

Ana Carla: Ah é?

Sujeito 1: Todo domingo de manhã. Ele é maçon.

Ana Carla: Ah tá...

Sujeito 1: Ele dá doi real pra cada mendigo que ele vê. Cada mendigo que ele vê, ele dá doi real. Cê pode chegar lá, você não precisa ser nem mendigo. Você chega lá muito sujo e pede doi real pra ele que ele dá doi real pra você também.

Ana Carla: Tá...

Sujeito 1: Eu lembro que o seu Ari falava, lembra do seu Ari? O seu Ari que morreu? O seu Ari falava muito desse cara, ele gostava bastante desse cara, porque esse cara sempre dava um dinheirinho a mais pra ele. Porque o seu Ari é véio, o seu Ari sabe conversar, né? Aí o seu Ari sempre arrancava um dinheirinho a mais desse cara.

Ana Carla: O seu ari morreu, né?

Sujeito 1: É, o seu Ari... O seu Ari vendia as mumbinha dele pra esse cara também... Eu acho que o cara comprava às vezes memo por dó, né? Porque aqueles negócio do seu Ari é tudo véio, tudo quebrado. Tinha as coisas que ele achava lá e ele ia mostrar pra mim, olha aqui, mó feliz assim, e eu oialhava e tava tudo quebrado, nem funcionava mais... Nossa, que daora, hein, dá pra você fazer um cincão mano ((risos)) Ele ficava feliz aí... O seu Ari era daora, eu gostava daquele véio.

Ana Carla: Eu gostava muito do seu Ari também... O seu Ari era muito, ele tinha...

BLOCO 3

Ana Carla: Representação da violência na vida, pra você.

Sujeito 1: Mas qual, tipo, em qual... Qual o sentido da representação que a senhora está procurando? Tem vários...

Ana Carla: O que você quiser falar

Sujeito 1: Pode ser a violência que eu sofri, pode ser a violência que eu causei... Tem vários tipos de violência envolvidos...

Ana Carla: Você pode... Vamos falar então primeiro das violências que você sofreu

Sujeito 1: Só em casa... Tirando isso, mais nenhuma, porque eu não me deixava ser submetido a esse tipo de experiência, vamos dizer assim... Eu sempre aprendi aquela coisa, tá ligado? Tipo, se a pessoa tá querendo te bater, bate nela mais forte, porque se ela tiver a oportunidade, é isso que ela vai fazer... Então... Aqui se faz, aqui se paga... Comigo foi sempre assim. Você levantou uma mão pra mim, vai ter duas te esperando aqui, ó...

Ana Carla: Você acha que tem sentido é... Violência...

Sujeito 1: Tem:::

Ana Carla: Com criança e adolescente?

Sujeito 1: Tem:: Envolve muito, né... Porque é aquela coisa, né... Você não tem paz na sua casa, você vai caçar paz em outro lugar, né... E muitas vezes a pessoa vai achar paz no baseado que o cara da biqueira tá oferecendo... Vai achar paz na farinha que ele vai cheirar na festa... Vai achar paz na buceta da puta que ele vai comer na esquina... Ele vai achar paz em uma par de coisa... Então, é aquela coisa... Aí... Aí... Aí vem... Aí:: Entra os vários... Vários fatores que vão levando a pessoa, porque nunca para só no baseadinho, nunca para só na... Na... Naquela carreirinha, nunca para só naquela vadia... Tem gente que é viciado em vadia, tem gente que gasta o dinheiro tudo com vadia... Eu conheço gente assim. Trabalha o mês inteiro pra gastar o dinheiro com vadia, com jogo, por exemplo...

Ana Carla: Uhum...

Sujeito 1: Aí a pessoa acaba, tipo, se escravizando disso... Se tornando um escravo disso, né... E isso influencia... Isso influencia bastante porque cê acaba esquecendo, né... () ((risos)) Cê acaba, cê acaba meio que esquecendo, tipo... Não esquecendo, cê deixa de dar valor pro que realmente tem importância e cê foca naquilo lá, porque aquilo é o que tá trazendo, vamos dizer, a::... A tranquilidade... Mesmo que seja momentânea, mas que tá te deixando em paz, então você sempre... Sempre que cê estressar, parece que já cria um negócio automático na mente, cê estressou, já olha pro lado e cê já tem um baseado ali, cê sabe cê fumar ele, cê vai esquecer daquele negócio ali, nem que seja por umas duas, três hora, mas cê vai esquecer.... E vai... Vai acarretando nisso, porque é aquela coisa, né... Se na biqueira eu sou mais bem tratado do que em casa, o que que eu tô fazendo em casa?

Ana Carla: Uhum...

Sujeito 1: É:: Se o maluco que me dá um baseado cuida melhor de mim do que a minha própria mãe, porque que eu vou ficar com a minha mãe? ((silêncio por alguns segundos)) Tem isso... As crianças são bem manipuláveis, dependendo da idade que a pessoa começar...

BLOCO 4

Sujeito 1: Por que que dá primeira vez não fez o barulhinho? Acho que a gente não gravou não... Vamos continuar....

Ana Carla: Tá... Então... David, assim... A relação sua com a rua. Eu queria muito que você falasse pra mim... Tempo de rua...

Sujeito 1: Um ano e meio

Ana Carla: A idade que foi pra rua, você já falou...

Sujeito: É... Já... Já até esqueci

Ana Carla: Motivos...

Sujeito 1: Ah:: Porque eu tava cansado de ver um monte de babaca, estúpido da prefeitura me dizendo o que eu tinha que fazer da minha vida e não levantando UM DEDO pra ajudar EM NADA... Porque eu não sou nenhum animal pra ficar preso por causa duma ordem dum juiz imbecil que eu sequer conheço e que não tem nada a ver com a minha vida... E... Eu acho que só.

Ana Carla: Isso foi...

Sujeito 1: Entre ficar num abrigo público rodeado de gente:: imbecil:: e ficar na rua me virano ganhano o meu dinheiro... Eu preferi ficar na rua.

Ana Carla: Como que é o cotidiano da rua?

Sujeito 1: Ah:: A gente acorda, come, roba... Fuma... Dorme de novo... Não tem nada de interessante.

Ana Carla: Não tem nada de interessante?

Sujeito 1: Não...

Ana Carla: Estratégias... Vocês criam estratégias pra ficar na rua, pra estar na rua sem ter... Pra não ter problemas?

Sujeito 1: Não... Eu sempre gostei de problemas, então... ((risos)) A senhora sabe disso... ((risos)). Eu sempre gostei de problemas, eles me atraem... Eu pô... Tento fugir deles, mas eu num consigo... É como se eu dissesse não pra eles, mas eles não me ouvissem... Aí eles vêm assim... Bem fortes...

Ana Carla: É... ((pausa)) David, como é que você... Esse período que você ficou na rua, e aí você considera esse um ano e meio aí, e também a época que você ia pro... Fugia do abrigo, tá...

Sujeito 1: Ah sim... Então pode pôr três ano, quatro ano... ((risos))

Ana Carla: E... Não... Considera todo esses, esse... O período aí, tá? É... Como é que você fazia pra higiene pessoal, por exemplo, na rua...

Sujeito 1: Ah... Isso daí sempre a gente achava alguém com bom coração...

Ana Carla: E aí..

Sujeito 1: A rodoviária dá banho por três reais... A rodoviária nova... Pra viajantes.

Ana Carla: E aí vocês é::...Recorriam à rodoviária pra...

Sujeito 1: VOCÊS não... Eu sempre fiquei sozinho...

Ana Carla: Tá...

Sujeito 1: Vocês é... Tem gente que não toma banho... Tem gente que fica meses... Eu já vi pessoas que foram tirar o tênis e a meia tava até grudada no PÉ...

Ana Carla: É mesmo?

Sujeito 1: É nojento... Muito nojento... Mesmo.

Ana Carla: Me diz uma coisa... A sua mãe, quando... Na primeira vez que você saiu de casa, que você falou... Com onze anos, não é isso?

Sujeito 1: Uhum...

Ana Carla: É::... Ela tinha um histórico de bebida?

Sujeito 1: Não...

BLOCO 5

Ana Carla: Fala pra mim... É::... Aspectos educacionais, relacionados à questão de escola...

Sujeito 1: A gente falou isso já, não?

Ana Carla: Quando você parou... Porque parou... É...

Sujeito 1: Porque eu cansei. Eu canso fácil das coisas. E também qual que era o sentido de continuar estudando se eu não tenho casa, eu não tenho dinheiro, eu não tenho emprego, eu não tenho nada... Eu vou ficar ino pra escola pra quê? Pra todo mundo...

Alá o coitadinho vino pra escola... Ah que dó dele... Ah ele tá estudado êêê ((voz em tom diferente, tentando expressar a fala de outras pessoas)).

Ana Carla: Isso te incomodava?

Sujeito 1: Não, não é que me incomodava, só não me fazia sentido...

Ana Carla: Não tinha sentido...Tá...

Sujeito 1: Ao invés de correr atrás da minha sobrevivência, eu vou ficar SENTADO durante cinco horas....

Ana Carla: Você preferia correr atrás das suas coisas...

Sujeito 1: LÓGICO. A escola não me dar o meu almoço nem o dinheiro pra mim... Me sustentar.

Ana Carla: Hoje você voltou... Pra escola.

Sujeito 1: SIM:..... Sim.

Ana Carla: Você tem o objetivo de... De continuar, terminar...

Sujeito 1: É... Até então sim.

Ana Carla: Tá... Representação da violência na sua vida. Como que você consegue exprimir isso? Qual é a representação de violência na sua vida?

GRAVAÇÃO ENVIADA APÓS A ENTREVISTA:

Sujeito 1: Na verdade, na verdade, tudo começou quando eu tinha 11 anos. Depois de uma das milhares de brigas que eu tinha com a minha mãe dentro de casa, aí ela deu a surtada doida dela lá: "Ah, que não sei o que, que não sei o que lá, se voce não tiver gostando da situação você vai embora." Falei: "Então eu vou embora." Falar que eu vou embora, eu vou embora, eu vou juntar as minhas coisas e vou embora. Já tô aqui fora. "Não, mas se você for, você não precisa voltar mais, porque a senhora sabe como eu sou orgulhoso né?" tanto é que tá aí uma prova firme e forte até hoje, que desde aquele dia eu não procurei ela para mais nada. Nem quero. Mas aí, a partir disso foram várias situações, eu ia para um lugar, ela ia, enfiava o dedo pra dar errado, ela não me queria com ninguém, muito em vista o lado dela, se eu não vou ficar com ela, também não vou ficar com mais ninguém. Por fim me lembro bem, eu fui para a minha tia, por exemplo. Aí foi essa situação, eu fui sendo jogado cada hora pra um lado, eu ia pra casa de um parente, ela ia e metia o dedo, dava errado, eu ia pra casa de outro parente, metia o dedo, tava errado. Aí eu fui parar no bendito do abrigo público, do equipamento público da prefeitura daqui da cidade. E eu experimentei um tipo de inferno diferente na minha vida, que então eu não tinha passado. Foi uma situação bem estranha, não vou dizer que foi físico, porque não foi físico. Na época eu costumava resolver tudo na base da força, então pra mim era fácil, alguém falava o que eu não queria, eu quebrava os dentes da pessoa. Pronto, resolvi o meu problema. Mas eu estava vendo que não tinha outra opção, ou eu ia passar dos meus 13 anos de idade até os meus 18 anos enfiado num abrigo, com um monde de maluco que eu não gostava, uma pá de gente cuidando da minha vida e cuidando mal ainda, ou eu ia ter que fazer alguma coisa a respeito para sair daquela situação. E aí, foi aí que tudo começou, foi quando eu pulei o muro daquilo lá pela primeira vez, e sumi. Só que eles têm todas as informações da pessoa, pra onde ela

vai, ainda mais que que é menor, então você pulou o muro, em 10 minutos metade da guarda municipal está te procurando. Aí era, no começo assim, eu não tinha muita experiência com isso, então era aquela coisa, eu ficava duas, três semanas por aí, e tal, ia pra casa de amigo, pra casa de outro quando não tinha casa de ninguém eu ficava pra rua, fumava meus baseados, e coisa de duas a três semanas eu já me achava... eu tinha foto, tinha tudo, documentação, já me achava, me pegava, me levava pro carro e me levava de volta. Aí era aquela coisa, era hora de repor as energias, eu não tinha como correr. Na verdade até tinha, porque eu fugi deles várias vezes, mas era uma opção. Então, eu voltava, ficava uma semana, comia, trocava a minha roupa, tomava um banho, descansava. Dava o tempo de repor as energias, pulava pra rua de novo. Ficava aí, mais duas, três semanas, um mês, me achava e lavava. Até que um belo dia, eu comecei, não que eu procurei, eu achei, achei um lugar da hora que ninguém ia aparecer nunca e me instalei por lá. É uma ocupação, que se eu tivesse ficado cinco anos a prefeitura era obrigado a me dar o lugar. Mas aí eu fui ficando, fui ficando, cheguei a ficar um ano e meio, e ninguém me achava mais. A minha cara foi aparece a nova guarda, até que eu lembro, em uma das ocasiões que aconteceu de eu ir para a casa de um amigo meu, de manhã ele estava acordando para trabalhar, aí ele acordou numa correria: “Vamos, vem aqui, você tem que ver aqui na televisão”, eu fui lá ver lá, a minha cara. Desaparecido, há não sei quantos dias, saiu de casa e nunca mais retornou. Informações ligar para não sei o que, não sei o que. Eu falei: pronto, fudeu. Agora tem a cidade inteira atrás de mim. Mas acabou não dando em nada não. Depois disso, ainda consegui uma passagem para fora dessa cidade que acabei não avisando ninguém, e tinha gente que achou que eu tinha até morrido, se não fosse pela insistência da pessoa que me levou, chegar pra mim: “Irmão, liga pelo menos pra sua tia, pra avisar que você tá vivo, que você tá bem, que você tá aqui com a gente.” Se não, eu acho que nem pra ela eu tinha ligado não, eu tinha deixado o povo achar que eu morri, que tinha sido até melhor. Mas enfim, a primeira pergunta tá aí.

Sujeito 1: Bom, dificuldade, dificuldade, todo tipo de dificuldade que a senhora imagina que uma pessoa possa passar, está enquadrado nisso, porque a pessoa está sem suporte nenhum, ela não tem o que comer, ela não tem um trabalho, ela não tem nada, então ela passa todo quanto é tipo de dificuldade que a senhora imagina. Passa fome, passa frio, doença. Se bem que eu não adoeço fácil, na verdade eu não me lembro de ter ficado doente nessa época não, mas tem casos. E é tudo bem sinistro, discriminação, e a polícia anda na rua, a polícia para, a polícia bate, e fica assim. Aí a pessoa vai aprendendo a sobreviver. Vai aprendendo a se virar do jeito, com as armas que a vida lhe deu. Então eu acho que é isso, não sei se está bem, está específico do jeito que a senhora queria, mas...

Sujeito 1: Eu não posso dizer que eu tive nenhuma experiência marcante assim não, era tudo bem rotineiro. Eu acordava, fazia uma correria, levantava um dinheiro, comia alguma coisa, ia olhar um carro, fazer alguma coisa assim, levantava dinheiro, ia para a favela comprar a minha droga, voltava para o lugar de onde eu saí, e ficava lá até outro dia. Nada de muito interessante, nada de muito. Polícia, bastante polícia, sempre tinha polícia, sempre apanhando dos vagabundos, nóia, nóia a gente encontra em todo lugar, desde aquela época até hoje, só está aumentando, nada de muito interessante.

Sujeito 1: Eu apanhei bastante quando era mais novo, você não faz ideia. Foi por toda a minha vida, eu acho que é por isso que eu sou meio impulsivo, sei lá, não tenho muito receio com muita coisa não. Mas foi sinistro. Eu na verdade eu devo ter dito para a senhora, mas eu não me lembro de nenhum momento feliz, na época que eu morava com a minha mãe não, era briga, briga, briga, mais briga, e quando ela estava de bom humor ela brigava menos, mas brigava do mesmo jeito, então era sempre uma situação desagradável. Era bem desagradável mesmo. Isso foi me levando a fazer várias coisas. Em casa os cachorros dela se alimentavam melhor que eu, então vamos pra rua, vamos caçar diversão pra viver, eu saía para as festas, fumava maconha, batia nos outros na rua para descontar a minha raiva. E fui crescendo desse jeito. Essa é a minha história.

(...)

Ana Carla: Bete...

Sujeito 7: Hã...

Ana Carla: Então, eu tô aqui... Ana Carla Junqueira Meirelles Roberto

Sujeito 7: (Tem que gravar o nome...)

Ana Carla: Com a...

Sujeito 7: Elisabeth Gomes de Sena

Ana Carla: Que vai ser um sujeito da minha pesquisa histórias de vida de crianças e adolescentes, analisando essas trajetórias a partir do morador de rua adulto. A Bete é:::.... Aceitou ser sujeito dessa pesquisa de livre e espontânea vontade, assinando o termo e vai manter uma cópia com ela, tá certo? Então, Bete, conta pra mim a sua trajetória de rua... Quando você iniciou a sua vivência de rua? Com qual idade?

Sujeito 7: A minha vivência de rua memo... Nossa, é:::.... Repetindo de novo ((risos))... Ah, foi quando a minha mãe morreu, né, cara? A minha mãe faleceu, aí:::.... Aí já... Já foi uma trajetória de rua, porquê você começa a viver na mão de um, na mão de outro, de família aqui, família ali... Por não ser uma pessoa compreendida com oito anos de idade... Minha mãe... Órfã de pai e mãe, né? Que meu pai::: Abandonou minha mãe, é:::.... Eu tinha... Oito meses de nascida... Abandonou ela com seis filho... Uma dona de casa... Ter que fazer serviço doméstico pa... Trabalhar fora de casa pa... Pa sustentar os seis filho sozinha.. E:::.... Aí começou a luta dela, aí ela veio a falecer com... Eu tinha oito ano de idade, né... Aí fui pa... () Fui morar com tio... NUM DEU CERTO... Fui morar com prima:::.... NUM DEU CERTO... Nisso aí APANHANDO deles, né... Aí:::.... Fui morar com a minha vó... Minha vó chegou, falou pa mim que odiava, eu era a única neta que ela odiava, né... E:::.... Eu fui pa minha irmã. Fui morar com a minha irmã, chegou lá, com dez anos de idade... Meu cunhado abusano de mim, tentava abusar de mim... Ele me acordava, ele chegava do serviço porque ele trabalhava na... Na Varig do aeroporto de... De Boa Viagem... Ele chegava de madrugada assim... Me acordava pra mim ver ele transano com a minha irmã, entendeu? Colocava um...

Ana Carla: Você presenciava essa cena?

Sujeito 7: É:::.... Ele tinha que me acordar, senão eu apanhava DELE... Ele me ameaçava de me BATER. Ele me ameaçava de me bater se eu num visse ele transano com a minha irmã... Ficava tirano... Pra FORA... Mandano, né... () E eu fugia de casa, eu num queria ir, ficava mais na rua, na piscina... Até que o... O dono da piscina do lado foi e pegou, né... Que ele falou: "Que que tanto ela

fica aqui quando a irmã dela sai? Quando a irmã dela tá, ela fica lá dentro, agora quando a irmã dela sai, ela vem pa fora, num fica dentro"... Aí fez um buraco no muro da oficina assim, aí viu ele... Aí... Tentou falar pa minha irmã, aí minha irmã ainda jogou, falou que era eu a SAFADA... Aí eu fui morar com meus três irmão homi... Aí meu irmão mais velho::: me espancava... Chegou a me espancar com o fio de eletricidade... () Minhas costa sangrano, né... Isso aí eu tinha dez ano de idade... Minhas costa sangrano, aí eu... A Cidinha: "ah, vai ali na delegacia de menor dá parte dele"... Eu falei: "eu não, eu não quero ver o meu irmão preso...() Quando eu crescer, eu vou me vingar dele"... Aí com onze ano.....: Eu fumei maconha, né... Eu fumei maconha, achava que a maconha era... Dava um SUPER PODER:::.... ((tossiu)) Porque eu... Eu escutava história que a maconha era tal... Aí eu fui fumar... Foi por causa disso que eu comecei a usar droga, sabia? Pra ter o SUPER PODER e... Não deixar mai ninguém judiar de mim, né... Aí eu fui fumar, eu fumei maconha e me senti FORTE, me senti forte duma mal maneira que quando ele veio bater em mim eu... Peguei uma faca, uma cadeira... Eu comecei a quebrano as costa dele e a correr atrás dele com uma faca, ele... Nunca mais ele veio bater em mim, nem meu tio e NEM NINGUÉM. Aí, com treze ano, treze pra quatorze ano eu... () Já tava robano já, né? Pra ter o uso da... Da maconha... Aí... (me metendo) com traficante, né, lá... De boca de fumo, entediou?... Aí fui robar... Robei um revólver de um vigia... Foi um:::.... Uma maneira tão.....: Tão trágica, né... () Num me arrependo, né? Graças a Deus num me arrependo... Num me arrependo de nada que eu fiz... Se eu fiz, é que eu tinha que fazer, sei lá... Porque... Ninguém faz aquilo que num é fazer... Então, eu robei esse revólver do vigia, MATEI UM CARA:::.... Aí o esquadrão da morte, né... Que na época era esquadrão da morte... Foi atrás de mim, é:::.... Porque:::.... Eu robava, fazia e acontecia.... Comia na mema mesa do delegado lá... E ele achava que eu era ((risos)) boazinha... Que eu era... E... Sempre quando ele... Ele nunca terminava de comer porque sempre chegava o... O escrivão lá: "Ô dotô, ocorrência, dotô"... Um monte de ocorrência lá e... Aí ele ficava louco... Aí quando ele descobriu que era eu:::.... Aí ele pegô, mandô pegá minha cabeça na BANDEJA, né... Aí felizmente, graças a Deus eu tive sorte... Que num era pra mim morrer mesmo... Aí eu vim embora pra cá... Né... Tinha um cara... Tava vendeno um... Vendeno um quiosque, chamou uma amiga minha, (tava do lado assim pa mim)... Ela num quis vim, eu me ofereci, ele: "Ah, se quiser ir... Eu vou sair tal hora, tu vai em casa, pega o que tu quer levar, tuas roupa e... E seus documento e vamo... Aí eu fui em casa, peguei, fui embora com ele... Aí quando eu cheguei, ele tava despedino da mulher, aí eu: "ué, por que tá se despedino da mulher?" () "Me dá aqui que... Que tão querendo carimbar a passagem". Aí ele deu a identidade dele, eu mostrei a minha, aí vimo embora pra cá... Cheguei aqui, ele queria me levar pro hotel pra comer né ((risos))... Aí... Eu era de menor... O recepcionista do hotel falou não, que não tinha como, ele não era parente meu, nem nada meu, eu não podia ficar lá, né... Aí ele pegou e me mandou pa São Vicente... Eu fui pra São Vicente, com quatorze

ano... Eu ia fazer quatorze ano ainda... ((susprou)) Eu ia fazer quatorze ano...
Aí fui pa São Vicente... Em São Vicente eu (regressei) minha vida, aí...

Ana Carla: Lá em São Vicente você ficou onde?

Sujeito 7: Ah, lá em São Vicente eu fiquei numa pensão, aí depois...

Ana Carla: E como você se mantinha lá?

Sujeito 7: Fiquei assim... Eu cheguei em São Vicente... Eu cheguei em São Vicente com dinheiro de pagar uma diária e comer dois pão com mortadela e coca cola... Aí... Sempre fui iluminada pelo Deus, né... Que... Tinha uma família lá que tava precisano duma babá... Uma criança de... De dois ano... Aí essa família morava em... Guarulhos... Não, Guarulhos não, é... Santo André... Essa família morava em Santo André. Aí chegou pra mim, pá, perguntou, se eu... Como tava sozinha lá, outra opção memo... Aí eu... Eles ia viajar num dia, como num tinha passagem pro memo dia, só pro outro dia, aí eu tinha que ir no outro dia... Deixaram a passagem paga e tudo. Aí quando foi no outro dia eu fui pa Santo André... Aí cheguei em Santo André, pá... Aí mulher queria me fazer de escrava, né, se aproveitar... Essas pessoas aproveitadora memo... A mãe... A filha não... A filha trabalhava, era gerente no Jambo Eletro lá em Santo André... A outra filha dela trabalhava, é... Trabalhava num... Num laboratório, né? E... E nisso aí a véia queria me... Porra... Queria me fazer de escrava, tudinho... Aí a véia... Aí eu... Me revoltei uma vez porque eu... Eu tava com uma roupa rasgada e pedi agulha... Aí a véia pegou, veio gritar comigo. Aí eu falei “num precisa gritar comigo não!”. Só falei isso cum ela, aí ela achou que eu fui... Né? Que eu tinha que abaixar a cabeça, sei lá... Aí ela, ela... Aí eu falei (hã... num quero essa vida não...) () “Que que você sonhava?” A filha dela perguntou... “Queria trabalhar em restaurante”. “Então tá”. Aí a véia falou: “ah, eu tenho um amigo que tem um restaurante e tá precisano...”. Só pra mim crucificar... Aí... Aí ela foi e me levou no outro dia... Pra esse restaurante. Aí o cara falou: “Que que cê sabe fazer?” Aí eu: “Num sei fritar NEM UM OVO”. Aí ele falou: “Oh, vou te dar... Vou te dar... Te dar experiência... Te dar uma semana de experiência, porque eu conheço ela, tá, tudinho...” Aí o cara me deu, o dono do restaurante, uma semana de experiência... Com quatro dia ele me chamou. “Assina, cê tá CONTRATADA”.

Ana Carla: Aí você foi, trabalhou...

Sujeito 7: Aí a véia ficô revoltada quando eu cheguei em casa falano que eu tinha contratada. Ela num esperava... Ela esperava que eu ia... Ela pensou que eu ia me fuder, né...

Ana Carla: Aham

Sujeito 7: Que ia me chamar de inútil ((risos)). E ela se danou, porque uma pessoa analfabeta, sem saber ler e escrever e... Logo de cara... Logo no

melhor restaurante que tinha lá... Aí... Eu peguei, cheguei em casa feliz, né... () Ah... Aí a véia... No outro dia, a véia começou a me... Porque eu chegava... Eu trabalhava das oito... Das oito até às quatro da tarde... Aí... Quando eu chegava em casa... Porque eu ainda ia pagar a véia pra ficar lá... Aí ela tá lá::... A pia cheia de louça, o tanque cheio de roupa e... Merda de cachorro pra tudo que é lugar pra eu limpar... Aí eu... A primeira vez eu limpei. Não reclamei. Lavei tudinho. Noutro dia a MEMA COISA::... A pia cheia de louça, o tanque cheio de roupa... (Eu disse): “Mas pô... Tanta roupa... Eu lavei roupa ontem..” Louça tudo bem, que todo dia suja, mas a roupa NÃO::... E merda de cachorro que dêisde de manhã... () Parecia que ela dava alguma coisa pro cachorro cagar bastante... Aí eu... Sob tortura assim... Não pensei direito... A dona ainda falou: “ow, não vai me deixar na mão não”.... Aí eu trabalhei uns dez dia, aguentei uns dez dia ainda... Aí com dez dia, eu parei: “Não... Eu vou embora, num quero ficar aqui”... Eu num pensei direito, né... Por isso que... por isso que hoje em dia eu tô pensando muito bem o passo que eu vou dar... Porque eu já perdi muitas oportunidades por... Por aceitar... Por aceitar assim, é... Ser... Sei lá, ser... Como que se fala? Por não pensar que os outro... Entendeu? Por achar que eu era a melhor...

(...)

Por eu... Por eu não pensar em MIM... Por eu não pensar em mim, né... É difícil falar essa palavra, num tô encontrando, é::... Sei lá, mano... ((pausa)) Eu num... Num raciocinava...

Ana Carla: Você quer dizer que você não... Não pensar com mais cautela...

Sujeito 7: É, eu não parar pra pensar nos pra ver os resultados, sei lá, qualquer coisa assim e... Agir por impulso. Pronto. Achei a palavra: agir por impulso, entendeu? Que... Muitas vezes, por eu agir por impulso, eu quebrei muito a cara, né, principalmente comigo mesmo... Eu quebrei muito a cara... Porque... E... Muitas vezes eu quase... Por agir por impulso, me prejudiquei muito... Cheguei até a prejudicar outras pessoas também, acho, é::... Hoje em dia... Aí quando eu... Depois eu comecei a agir com a razão, não por emoção... Porque a emoção... A emoção ela só é boa quando você encontra uma pessoa que ocê não vê muitos ano, entendeu? Essa é a emoção boa... O único jeito da emoção ser boa é dessa forma... Porque a emoção de outro tipo de trajetória de vida, de dia a dia... Não é boa não, a emoção não...

Ana Carla: Não? Em nenhum momento?

Sujeito 7: Não... Em nenhum momento, porque é bom a gente sempre tá com a razão, cara... Sempre tá... Agir com a razão, porque agir com a emoção não é muito bom não, porque você termina fazendo coisa... Tem emoção que você faz coisas que depois você começa a se arrepender ou... Ou... Entendeu? Vem a... Dá... Dá... Trazer consequência dolorosa, entendeu?

Ana Carla: (...) desde que você saiu de... Lá do Norte, né? Você nunca mais teve contato com a sua família?

Sujeito 7: Não, eu tive contato quando eu tava presa...

Ana Carla: Por que que você foi presa?

Sujeito 7: Eu fui presa por tráfico de droga... Por roubo e tráfico de droga...

Ana Carla: Você ficou quanto tempo presa?

Sujeito 7: Oito ano...

Ana Carla: De quantos anos até quantos anos?

Sujeito 7: Eu fui presa em 2000 e vim sair em 2008.

Ana Carla: E... Aí você saiu de (...) Santo André, né?

Sujeito 7: De Santo André... Aí em Santo André... Aí pá, né, o cara falou "Ocê vai me deixar na mão?" Aí eu falei assim: "ah"... "Arruma outro lugar pra ocê ficar..." Aí eu digo: "Não... Não quero"... Pá.. "Mas, ah, por que?"... "Sei lá... Eu não sei o que... São Vicente tava me atraindo, a cidade lá... Eu quis voltar pra lá... Porque...Sei lá, hoje eu entendo, assim... Tipo, agora, nesse exato momento, eu tô teno um despertar conversando contigo sobre o seguinte que::... Eu me apegava MUITO às coisas novas, assim... Às coisas novas ERRADA. Agora eu tô... Tô vendo esse lado e tô me apegano às coisas nova boa, entendeu?

Ana Carla: Hoje você enxerga...

Sujeito 7: Hoje eu enxergo isso... Porque eu me apegava muito às coisas nova errada... Porque se eu tivesse... Naquela época se eu me apegasse às coisas nova boa, eu tinha ficado lá em Santo André e hoje em dia eu poderia tá... Até ser sócia desse cara no restaurante... Ou ter outro emprego MELHOR e tudo mais... Num sei... Que aí eu me regresso, né? Podia ter () tudinho... Mas não... Achei que pá... Que eu tinha que voltar pa São Vicente... Aí eu voltei pa São Vicente, aí.. Já com um dinheirinho a mais pra pagar a pensão de uma semana, né... Podendo pagar a pensão mais uma semana, comer um pouco melhor e procurar emprego... Aí eu fui, procurei emprego pra trabalhá num pitel, eu nunca fiz nada também, né...

Ana Carla: O que pitel?

Sujeito 7: Lanchonete, é uma lanchonete...

Ana Carla: Tá...

Sujeito 7: Aí comecei, sem saber ler nem nada, como copa. Trabalhei como copa, aí já mostrei serviço, o patrão gostou, o japonês gostou... Aí logo, de lá... Com um mês eu já tava exercendo três profissões lá, que eu era copa, eu já tava (pra ser) garçom, faltou garçom, depois eu fui pra chapa, ser chapeira... E nisso aí foi... E... O gerente, né... Como sempre, Mais uma vez... Agindo pela... Eu agindo pela emoção, né... O gerente com raiva... Ele tava... Ele roubava o caixa... Eu peguei ele roubando... Aí ele com raiva e tudo mais... Ele com mais experiência de vida e eu ali, recomeçando a vida, sem experiência nenhuma,... Ele chegou, ele sabia o meu ponto fraco, que era a, é...::: A revolta, né? Eu era REVOLTADA e... Num aceitava ser DESFEITA... Eu num aceitava que ninguém se desfizesse de mim... Aí ele chegou: “ah, vai trabalhá”... E começou a me dar serviço primeiro... Ele falou: “ah, quer MOLEZA? Quer moleza vai ter que DAR pra mim”... Aí eu olhei pra cara dele: “ah, seu nojento, seu nojo”... E pá e... Subi lá cima, a dona, a mulher do japonês tinha uma danceteria em cima... Aí eu subi lá em cima e fui falar com ela, aí ela falou: “desce lá, volta a trabalhá que depois nós conversa”... Aí eu falei: “ah não, que não vou descer porra nenhuma lá não e é o seguinte, eu tô pedindo as conta, TCHAU”. E... Mais uma vez, agindo por impulso, né... Sem pensar nas consequências... E fui...

Ana Carla: Aí de lá você foi pra onde?

Sujeito 7: O restaurante do lado viu que eu saí de lá, aí me chamou pra trabalhá lá... Aí aquilo de novo... Trabalhando, tudo bem... Aí eu quero, acho que eu... Que os outros que precisava de mim, não eu que precisava das pessoas, entendeu? Era esse o meu... A minha visão era essa. Totalmente mente fechada e cega. Pra mim, é assim... Mente fechada e cega, porque... Achar que o mundo... O mundo girava ao meu redor... Porque... As pessoas que precisava de mim por eu ter... Por eu ter prática de saber as coisas... Por eu ter... Ter inteligência... Num saber ler nem escrever e ter habilidade de aprender as coisas rápido... E fazer bem melhor e bem feito... E achava que eu... Podia tudo, né? Que eu era dona do mundo. Aí... Saí de novo... Aí falei: “(ah, sabe mais) vou trabalhá num carteadado”... Porque eu... Pegava todo o meu dinheiro, caixinha, salário e ia lá pro jogo jogar, eu perdia tudo no jogo...

Ana Carla: Ah, então você tinha prática do jogo também?

Sujeito 7: Do jogo também, do jogo de baralho...

Ana Carla: Ah tá...

Sujeito 7: Entrei no vício...

Ana Carla: (...) nesse período aí, que você trabalhava (...), você fazia uso da droga?

Sujeito 7: Fazia uso da maconha e da cocaína...

Ana Carla: (...) mantinha o vício então...

Sujeito 7: Mantinha o vício, é... Eu já tinha o uso da maconha e da cocaína. Aí pronto... Aí São Vicente... Depois disso daí eu num trabalhei mais. Depois dessa vez eu num trabalhei mais e fui viver morano num carteadado... Trabalhava num carteadado... Servir café e depois formar jogo... Entendeu? E dormia no carteadado mesmo...

Ana Carla: Ah, lá tinha um local pra você dormir...

Sujeito 7: É, tinha um local quando num tinha jogo... Eu dormia sentada na cadeira... Sentada na cadeira... Quando tinha jogo eu dormia sentada na cadeira... Quando num tinha jogo, aí... Juntava uma cadeira na outra e dormia... Dentro do carteadado... E limpava o carteadado...

Ana Carla: Ah, então você sempre dormiu dessa forma?

Sujeito 7: Dessa forma... Dormia assim, tomava banho lá... Tinha uma, entendeu? Tinha uma pia lá, eu tomava banho na pia mesmo... De canequinha... Tinha um banheiro lá, num tinha chuveiro, aí eu tomava banho na pia mesmo...

Ana Carla: Isso lá foi quantos anos?

Sujeito 7: Dois ano, oh...

Ana Carla: (...) e depois?

Sujeito 7: Dois ano... Aí eu fui pra Santos... Aí já comecei a me meter com... Da pesada mesmo, entendeu? Do tráfico de drogas... () A cafetinar mulher...

Ana Carla: A cafetina mulher? O que que é isso?

Sujeito 7: Cafetinar mulher... Tinha duas, três mulher dentro da zona...

Ana Carla: Ah, você...

Sujeito 7: É... Eu cafetinava elas... Entendeu? Num gostei muito dessa vida... ((risos)). Num gostei muito dessa vida porque foi na época da aids, que surgiu a AIDS, que estourou a aids, aí eu fiquei com medo e... Me afastei e num quis mais... Aí eu fiquei só no tráfico da droga e no uso... Eu traficava pra usar, pra ter o uso da droga... E roubava também... Roubava GRINGO... Aí fui pra cadeira, saí... Aí saí, caí de novo na cadeia, saí, aí quando eu caí... Aí fiquei... Caí em 2000 e fiquei... Até 2008...

Ana Carla: Então você passou uma boa parte da sua vida na cadeia também?

Sujeito 7: Na cadeia, oito ano...

Ana Carla: (...) Então... E essa história de rua aí... Fala pra mim um pouquinho que tem de ruim na rua? Lembra que a gente falou... O que tem de ruim na rua? De viver na rua, de estar na rua, não ter onde morar...

Sujeito 7: Ana Carla, o que tem de ruim na rua... O que tem de ruim na rua é você não ser compreendido, é:::... Você viver com pessoas interesseira... Você saber que vai dormir, mas não saber se vai acordar...

Ana Carla: Você já sofreu violência na rua?

Sujeito 7: Não... Aqui em São José Graças a Deus não...

Ana Carla: Aqui em São José você nunca sofreu violência então?

Sujeito 7: Não, nunca sofri não porque... Eu já adquiri um pouco... Nem em São Vicente, nem nada... Eu só sofri no Norte memo. Só no Norte... São Vicente, São José eu não sofri violência... Porque os outro já tinha medo de mim já... Eu só sofri violência memo até os meus onze ano de idade...

Ana Carla: Depois você nunca mais...

Sujeito 7: Depois eu não sofri mais não, porque eu já comecei... Já matei o CARA:::, entendeu? As pessoas vinham eu metia FACA, entendeu? Eu já...

Ana Carla: Você criou um respeito das pessoas?

Sujeito 7: Eu criei respeito e... Criei um NOME, né? Criei um nome... Criei um nome que as pessoas olhava assim pa mim, eles tinha medo... Eles tinha MEDO de mim, entendeu? Tinha medo... Tinha medo de... Entendeu? De tentar alguma coisa comigo e morrer... Porque... Eu tava aqui, eu... Nada acontecia comigo ((risos))

Ana Carla: Ah... (...)

Sujeito 7: É uma proteção enorme, que hoje em dia eu num sei... Eu num sei daonde vem essa proteção ou eu sei e num quero... E num quero ter a certeza...

Ana Carla: E a rua tem, assim, viver na rua tem alguma coisa de bom?

Sujeito 7: Num tem bom... Viver na rua num é bom... Você passa fome... Você passa frio... Você sente dor... Você sente agonia... Você sente desespero... Sente DEPRESSÃO...

Ana Carla: Que mais que é ruim de estar na rua?

Sujeito 7: O ruim de tá na rua, cara, é que você num pode confiar em NINGUÉM... Você num pode confiar em ninguém... NEM EM UM... Cidadão...

Nem num, numa pessoa... Nem numa pessoa normal você pode confiar. Porque você num sabe onde TÁ A MALDADE...

Ana Carla: (...) as pessoas, pra elas viverem na rua, elas precisam criar estratégias, pra sobreviverem, na verdade?

Sujeito 7: A única estratégia de vo cê sobreviver na rua é você num ter medo... Você num ter medo, você num pode ter medo. Você pode sim, medo você vai ter... Você num pode demonstrá, você num pode demosntrá que tem medo... Se você demosntrá que tem medo::... CABÔ. Cê morre... Cê num vive muito tempo não...

Ana Carla: Você pensa que as pessoas vão pra rua porque tá ligado a classe social, ou se é pobre ou se é rico, ou hoje não tem isso?

Sujeito 7: Num tem isso não, cara... A partir do momento que você... Se torna um usuário de droga... Tanto álcool, maconha, crack ou... Entendeu? Ocê num... A droga, o crack ele num () classe social não... Ele é qualquer um... Filho de dotô, filho de delegado, magnata::, empresário... Até o próprio empresário tá na rua, cara... O próprio empresário, se ele começar... Ele acha que o dele nunca acaba... A droga consome tudo... A droga consome tudo, porque a partir do momento em que você toma a primeira dose e GOSTA... A primeira dose e gosta da droga... Você não precisa de mais nada, você vai querer o uso da droga, então quando você tem dinheiro, você num liga pro dinheiro, você num liga de fazê mais dinheiro, você só liga só em... Em GASTÁ, GASTÀ, GASTÁ... Então, quando você vê, ocê já gastou até o seu último, aí ocê se vê numa situação que é a rua... Que a única forma é a RUA...

Ana Carla: Você sofre discriminação na rua? O morador de rua sofre discriminação?

Sujeito 7: Sofre BASTANTE... O próprio... A própria sociedade ela discrimina ela memo, né? A própria sociedade ela se discrimina... ELA SE DISCRIMINA. A partir do momento que você discrimina o seu próximo, você tá se discriminando... Porque... Num pensa que você é melhor que o seu próximo, que... O que tá aconteceno com ele num pode acontecer com você... PODE ACONTECER... Com você, com um parente seu, qualquer PESSOA... Então você próprio se discrimina... Então eles num estende a mão, eles num... Tudo bem, até concordo em certas partes que... Infelizmente, no meio de nós, no meio de muito ser humano, existe o ser humano animal... O ser humano que é... Que é frio, que é calculista, que é... Entendeu? Existe isso. Isso num... () só de morador de rua... PESSOAS DE FAMÍLIA, pessoas de bem família, você vê memo aí. Rapaz bem estudioso, família boa, nunca usou craque, nunca usou nada, nunca usou droga nenhuma, nunca bebeu e mata milhões, mata pai, mata mãe... Entendeu? Então::... É uma coisa sobrenatural, que ninguém sabe explicar, nem a ciência explica esse tipo de coisa...

Ana Carla: (...) serviços públicos... Você já usou vários serviços aqui em São José dos Campos... É::... Você saiu da cadeia é... Veio pra cá, é isso?

Sujeito 7: É... Eu saí da cadeia aqui memo...

Ana Carla: E aí.... Aqui qual o tipo de serviço público que você já usou?

Sujeito 7: Eu tô usando agora. Eu tô usando agora, porque é seguinte... Porque eu quero ME AJUDAR.

Ana Carla: Abrigo de famílias e indivíduos?

Sujeito 7: Abrigo de famílias e indivíduos, isso...

Ana Carla: Mas você já passou pelo abrigo municipal? Abrigo da população de rua?

Sujeito 7: Pra população de rua eu já passei no albergue...

Ana Carla: Já passou no Centro...

Sujeito 7: De convivência, já... Então, eu tô usando AGORA.

Ana Carla: Ah, então você tá usando agora, depois que você saiu da cadeia?

Sujeito 7: É... E depois que eu saí da cadeia... Depois que eu saí da cadeia NÃO::... Porque depois que eu saí da cadeia eu fiquei SEIS ANO na rua...

Ana Carla: Ah, você ficou seis anos na rua ainda depois que você saiu da cadeia?

Sujeito 7: É... Depois que eu saí da cadeia, depois que eu passei oito ano na cadeia... Eu saí da cadeia e num tive oportunidade de::... Oportunidade de emprego... Porque... É UMA BOSTA. É uma bosta... É como eu falo... Que a sociedade... Ela discrimina... Mesmo... Ela própria se discrimina... Porque é da seguinte forma... Quando eu saí da cadeia, fazia um tempo que eu fiquei sem usar droga... Tava querendo... Fiquei nessa cidade pra mudar de VIDA... Entendeu? Num quis voltar pra Santos porque lá em Santos eu era muito conhecida por traficante, ladrão e tudo mais... Eu ia me enfiar lá no meio de novo... Então, eu num conheço as pessoas nem a cidade, podia ter uma ocupação, ia fazer uma outra trajetória de vida, ter uma ocupação, mas... Quando eu cheguei aqui, eu fui procurar esse tipo de vida, sabe o que me ofereceram? Me ofereceram uma CESTA BÁSICA e eu tinha que ter dois ano de cidade primeiro pra depois ter acesso à... Aos benefício... Ter acesso aos benefício. Porra? Dois ano de cidade sem fazer NADA? Eu ia fazer o quê? EU FUI PRA RUA::... Fui ser moradora de RUA.

Ana Carla: Isso é muito interessante...

Sujeito 7: Entendeu? Fui ser moradora de rua porque me dá uma cesta básica? Quer... Entendeu? Por isso que eu era REVOLTADA, que eu nunca queria:::... Quando a Marley, a assistente social do CREAS Pop me abordava na rua, quereno me levar pro albergue, eu xingava eles memo... Xingava eles porque... Pelo seguinte forma, cara... Quando eu cheguei aqui que... Que eu cheguei BEM:::... Que tava pronta pa MUDAR, eles num me deram essa oportunidade... Num me deram essa chance... Eles fizeram o quê? Meteram o... O pé na minha cabeça e me afundaram mais pa lama... Porque eu tinha que ter dois ano de cidade pra ter acesso ao, à:::... À frente de trabalho? ((pausa)) Entendeu? É:::... E queria me dá cesta básica... Uma cesta básica que eles dão, por isso que eles dão cesta básica... Porque cesta básica vai tudo pro traficante, cara... Vai tudo pro uso da droga. A maioria das cesta básica que eles dão aí vai tudo pro uso da droga... A maioria... Das cesta básica... Tudo pro uso da droga... Porque, graças a Deus, eu num tive... Eu num tive essa intenção... Porque se eu tivesse essa intenção, entendeu? Assim... Pensar nisso eu pensei... Mas num quis praticá. Se pegasse todo mês, de três em três mês uma cesta básica, ir e pegava pro traficante, mas eu NÃO... Eu peguei UMA vez só, que foi o dia que eles me ofereceram, e levei pruma família... Dei pruma família e nunca mais fui pegá. E nunca mais peguei...

Ana Carla: E aí você acabou se afundando... E afundou nas drogas de novo?

Sujeito 7: ME AFUNDEI... Aí que quando... A Marley, do CREAS Pop... Porque ela me abordano pa mim ir pro albergue, pá... E eu xingava eles... Eu falava “ah, mas vocês só quer dar boa vida pas pessoas, quer me... Quer me tornar um PARASITA... Porque... Levar po albergue, COME, BEBE, dorme... E num faz porra NENHUMA... Fica de pé inchado... Bebe cachaça lá dentro, usa droga lá dentro e... E o que que acontece? Eu não quero ir me acostumano nessa vida fácil, eu num quero... Pelo meno na rua eu tenho que correr atrás pa mim comê... Pa mim sobrevivê... Pelo meno na rua o meu sangue tá correno nas minha... Nas minha veia... Eu tenho adrenalina, porque vocês dão tudo na BOCA”... Certo? Porque... Eu num concordo com isso aí não... E... Foi seis ano, nessa vida, nessa batalha dela cumigo... Ela cumigo, entendeu? Até que um dia eu caí doente, aí:::... Aí é... Sei lá, me deu a consciência de ir...

Ana Carla: Aí você foi pro Centro Pop, lá pro centro de convivência?

Sujeito 7: É, eu fui pro albergue e... Depois eu passei a frequentar o centro de convivência.

Ana Carla: E você gostava do centro de convivência?

Sujeito 7: Eu gostava porque ali... Ali o seguinte... O centro de convivência ME LIVRAVA DA RUA... Me livrava do uso da droga. Quando eu num queria... Mas... Num era aquilo que eu tava quereno... Eu tava quereno A RECUPERAÇÃO, eu tava quereno uma vida, eu tava quereno um... Ser um ser

humano normal, entendeu? E ali, entendeu? Aí como eu perdi os documento, aí eu encontrei pessoas maravilhosa feito você, a Linete, a Marley... Que me ajudaram bastante nesse lado aí, graças a Deus... O que eu... O que eu tô sendo agora eu dou graças a Deus a vocês, né... Porque da seguinte forma, porque... De alguma forma, vocês TANTO me ajudaram no... Com os meu documento, tanto com MENTE, com palavras, entendeu? Foram minhas... Foram minhas AMIGA, me acolheram, né, meu... Vocês num tava fazeno aquele serviço por... Ser obrigado a fazer... Vocês tava fazeno cum amor. Ocês faz esse serviço cum AMOR... Entendeu? De... Entender, de SABER. E... Nisso daí que me criou força e me deu força pa mim...

Ana Carla: Internar?

Sujeito 7: Entendeu? É... Internação, quando eu fui pro albergue... Eu já fui pro albergue já... Já nessa vontade, entendeu? De... Ir pro albergue porque eu queria uma clínica de recuperação... Num queria ir pro albergue pra ficar no albergue, entendeu? Comer, beber, dormir, ficar lá... Que essa vida eu nunca quis... E NEM QUERO... Eu quero... Eu quero fazer parte do mundo, mas fazer parte do mundo fazendo alguma coisa. Não fazer parte do mundo sendo um ser na terra só pra enchê... Pra preenchê o mundo... Pra ele num ser vazio, entendeu? Entendeu? Eu quero fazer parte do mundo dando... Dando de mim, dando algo de MIM... Pa... Pa VALÊ A PENA a passagem que eu tiver nesse mundo... ((tossiu)) Porque eu sempre... Sempre eu pensei dessa forma... Memo no uso da droga eu pensava dessa forma... Memo na adolescência, quando eu sofri abuso, eu pensei dessa forma... Eu sempre pensava dessa forma... E eu num vim no mundo atoa pa enchê o mundo, pa preenchê o mundo... Pra outras pessoa ter que caminhá, entendeu? Porque o mundo é grande... Eu vim porque eu... Eu vim numa missão, eu vim pa fazer alguma coisa... Eu num vim atoa no mundo, então... Eu num quero também aproveitá A BONDADE das pessoa pa... Mim prevalecê... Eu quero ser alguma coisa... Eu quero fazer por mim também... E fazer por aqueles que merecê e tiver disposto a... Entendeu? Querer... A QUERER. Porque... É como se fala... Lá na clínica teve uma pessoa que escutou uma monitora falá assim: “ah, eu tive escolha”... Ela tá certa, cara... Ela teve escolha... Tu acha que na adolescência dela num ofereceram droga pa ela, num ofereceram bebida? Ela num quis, ela teve escolha, ela viu que aquilo NUM PRESTA... Ela teve a escolha de estudá... De formá, de ser alguém na vida... Nós tamém tivemo... Nós tamém, todo mundo teve essa... Essa... Essa chance... Esse... Essa pergunta, entendeu? Essa escolha. Só que... Nós optamos pelo lado MAL, pelo lado MAIS FÁCIL...

Ana Carla: Mas tem um histórico aí que... Pra alguns, mais difícil, né...

Sujeito 7: É... Tem um, algum mais difícil entre aspas, né? No meu caso eu... Eu num me considero a coitadinha... Eu num me considero a coitadinha porque::: hoje em dia, eu penso assim oh... Num sei, eu tinha que passar por

isso, eu tinha que viver isso, porque... Graças a Deus, eu vivi tudo isso aí e num sô uma pessoa revoltada, eu num sô uma pessoa MAL, eu num sô uma pessoa ruim, entendeu? E... Nessa trajetória de vida com tantos... Com muito sofrimento, com TANTO SOFRIMENTO, eu só fiz bem pas pessoa que passou na minha vida, eu só causei bem... Eu nunca causei mal pa ninguém, eu nunca fui uma pessoa INGRATA. Eu sempre fui uma pessoa bem agradicida.

Ana Carla: Fala pra mim qual que é o seu sonho... Seu grande sonho?

Sujeito 7: Quer saber ô... Ô Ana Carla, eu vou te falar a realidade... A vida num... Num me deu escolha pa ter sonho não. ((pausa)) Entendeu? A vida num... Num me deu escolha pa eu ter sonho, cara... Entendeu? Porque... Muita turbulção...

Ana Carla: Mas hoje você não sonha em...

Sujeito 7: Não, não... Hoje... Oh.. A vida num me deu me deu escolha quando eu era mais nova pra ter sonho e HOJE eu sei que eu num posso sonhar... Porque podem me fazer mal. Entendeu? Podem me fazer mal porque esse processo de recuperação que eu adquiri no meu... Na minha trajetória de vida... Essa doença da adicção, né... É uma doença que não pode se... Agarrar a sonho... A planos, a frustração, a... Entendeu? A TER ESPERANÇA... A acreditar... Entendeu? É::... É uma doença... Que ela só tem que viver o hoje. Então... O dia de hoje pa mim é o dia mais importante da minha vida... E... As conquista que eu faço hoje... Elas vão continuá comigo. A da amanhã... Eu num sei... Eu num sei... Eu vou esperar viver o amanhã para... CONQUISTAR.

Ana Carla: Hoje você tem alguma conquista. De hoje. Me fala uma conquista de hoje sua.

Sujeito 7: Ah, a conquista de hoje foi o seguinte, cara... Eu vou até te falá que tu vai até gostá... A conquista de hoje foi... Você ter ligado e falado “ah, pá, tudinho”, né? Eu fiquei ansiosa... Coisa que eu num posso... Mas eu controlei a ansiedade só um pouquinho... Eu fiquei ansiosa, coisa que eu num posso... Eu tenho que controlar essa ansiedade... Mas ansiedade eu vô tá vivo todo dia, cara... Isso aí::... Quem tem que ter esse controle sou eu. Então... É o seguinte... Deu duas hora, você num apareceu... Aí eu fui, descansei um pouco, né... () Me acordou pa toma café três hora... Aí levantei, tomei o remédio, tomei o café... Aí a... “Olha, ela falou que vai vim”, né... “Num é pra você se preocupa não que ela vai vim”... Deu três e meia... Aí o seu Manoel: “nossa, ela num veio”... Aí eu digo: “não, ela num veio, mas eu tenho certeza que ela vem, que nisso daí, que eu já observei na Ana Carla, que tudo que ela fala que vai fazer, ela faz”. ((risos)) “Eu vou esperar porque eu sei que ela vem, entendeu?”.

Ana Carla: Ah, fico feliz!

Sujeito 7: Eu vou esperar porque eu sei que ela vem.

Ana Carla: Eu fiquei realmente preocupada porque eu tinha marcado e quando é um compromisso, né... Essa entrevista é um compromisso...

Sujeito 7: É... Eu via você lá... Eu convivi com você, cara... Eu convivi com você e via... Quando você tinha uma coisa e... “(não vai dar tempo disso não), mas eu marquei aquilo ali e eu vou”...

Ana Carla: E aí, só que eu tive esse imprevisto... Aí eu ligava, falava: “não fala pra ela que eu vou” ((risos)). E eu fiquei muito preocupada com isso.

Sujeito 7: Então, então...

Ana Carla: É uma coisa que eu não... Não gosto que aconteça. Não devia tá acontecendo, mas infelizmente aconteceu...

Sujeito 7: Aconteceu, mas a gente num pode esperar...

Ana Carla: Não pode controlar tudo...

Sujeito 7: É... Não pode controlar tudo... Exatamente.

Ana Carla: Eu te peço desculpas por isso

Sujeito 7: Não, você não tem que pedir desculpas, só você ter vindo... Você não tem que pedir desculpas, cara... Porque... Eu te entendo... Eu te entendo a tua... A tua vida, né, cara? Porque:::... Não é uma vida FÁCIL... É uma vida que... Entendeu? Que tem PROBLEMA...

Ana Carla: Eu trabalho e...

Sujeito 7: Você trabalha, tem problema de saúde... Com... Com pessoas, entendeu? Eu sei disso tudo... Que... Infelizmente, quem olha a Ana Carla assim: “ah, pá, vida boa”... Vida boa nada, cara... É uma vida dura, é uma vida sofrida também...

Ana Carla: Mas é uma vida que eu gosto...

Sujeito 7: (Então)...

Ana Carla: Eu gosto de tá com vocês, eu gosto de...

Sujeito 7: É bom...

Ana Carla: Você sabe disso... Você sabe que eu gosto, né?

(...)

Dessa pesquisa, a gente tá tentando... Eu vou tentar criar um glossário como se fosse um índice, de linguagens utilizadas na rua... Porque eu sei que tem algumas linguagens próprias...

Sujeito 7: Eu sei, mas eu vou te...

Ana Carla: Você sabe me dizer se tem alguma... Alguma palavra que é comum entre os moradores de rua, entre as crianças, alguma coisa... Eu vou te dar um exemplo: manguiar. Manguiar é pedir. Tem alguma outra palavra, algum outro termo?

Sujeito 7: Cada dia eles inventa uma. Eles cria... Eles cria nas ilusão... Na viagem da droga. Então na viagem da droga, você tá viajano ali, você fala uma palavra que todos acharam graça e aquilo já... Nossa...

Ana Carla: Mas aí aquilo nasce e permanece?

Sujeito 7: E permanece e vai adquirino...

Ana Carla: E você adquiriu alguma dessas aí? Você lembra de alguma?

Sujeito 7: Ah... Num lembro, Ana Carla, eu num lembro... É que...

Ana Carla: É difícil?

Sujeito 7: Não, não é questão de ser difícil não, cara... É questão que eu vou falar uma coisa pra ti... Eu vivi na rua... Eu vivi na rua, eu vivi com todo mundo e... Num foi pouco... Anos... Mas::: cê quer saber de uma coisa? Eu não adquiri NADA daquilo, eu num me apeguei em NADA daquilo... Eu num apeguei em NADA, eu num me apegava em NADA... As coisas boa eu me apegava... Entendeu? Por isso que... A sociedade em si, pra mim, elas gostam de mim, elas fala: “nossa, você num... () Por que você um sai daí? Você num é igual a eles... Você é uma pessoa educada (...)” ... Porque eu... Vivia na rua, tudinho... Mas eu num adquiri as coisas ruim não, cara... Gíria eu nunca gostei de falar, entendeu? Eu:: dava risada aquela hora, falava uma vez ou duas no meio deles, mas não... Não memorizava não... Não memorizava não porque num é uma coisa BOA...

Ana Carla: Hoje você não tem mais contato nenhum, vínculo nenhum com ninguém da sua família?

Sujeito 7: Não... Não tenho... Perdi todo o contato com eles... Perdi todo o contato com eles, eu... Até gostaria de ter... Ter contato, tudinho, mas... Perdi todos... Eles nem sabem se eu tô viva, se eu tô morta...

Ana Carla: Tem alguma coisa, assim, que você gostaria de falar, que você considere importante, além disso que a gente...

Sujeito 7: TEM SIM, cara... O mal profissionalismo no meio... O mal profissionalismo nesse meio de... Das pessoas de...

Ana Carla: Isso é importante...

Sujeito 7: Das pessoas se meter a querer ajudar o próximo, seno que ele num tá ajudano nem a ele MESMO...

Ana Carla: Isso você vê com frequência nos serviços?

Sujeito 7: Vejo... Vejo mesmo... Principalmente em CLÍNICA de recuperação. Eu já passei pela clínica, então eu posso falar...

Ana Carla: Tá...

Sujeito 7: Eu... Eu tinha... Uma formação... Uma visão de clínica que era o seguinte: "clínica num recupera ninguém". Realmente, quando a pessoa quer se recuperar, você se recupera a si próprio memo... Você si próprio se ajuda memo... Mas... A clínica ajuda, mas... Ajuda porque lá dentro existe pessoas ((pausa)) que próprio se ajuda lá dentro, que são os próprios interno... Porque os monitores e as pessoa que trabalha em clínica, elas num ajuda... Elas CRITICA, CONDENA...

Ana Carla: É assim?

Sujeito 7: Elas julga, critica e condena, cara...

Ana Carla: Você vivenciou isso aqui na clínica que você estava...

Sujeito 7: Eu PRESENCIEI...

Ana Carla: Tá...

Sujeito 7: Eu presenciei, porque poxa... Uma pessoa que tá lá pra ajudá... Simplesmente... Por você não querer comer uma comida, como você tá veno, que nem pouco come... Por ocê não participá, assim, de... () Como a pessoa queria... Que tava dano a dinâmica queria... Que você acha que num é porque eles faz um grupo... Todo mundo acha que tem que dá a sua opinião... E por você não ser... Um daqueles que puxa saco, que concorda... Você ter outro grau de visão... Você ser JULGADO, ser condenado... Eu acho que isso num é AJUDA... Isso num é ajuda... Isso num é ajuda, cara... A pessoa dessa num tá ajudano ninguém...

Ana Carla: Não é profissional...

Sujeito 7: Num é... Então. Num tá ajudano... Ela é uma adicta pior do que aquela que tá pra se tratar... Ela precisa de mais TRATAMENTO de que o próprio interno que tá lá... Gritar...

Ana Carla: E você vê isso em muitos e muitos lugares?

Sujeito 7: VEJO... Eu vejo e...

Ana Carla: Nos serviços públicos...

Sujeito 7: Nos serviços públicos... Tudo isso. NÃO TODOS. Não todos. Não todos. Que seja bem clara com isso porque não todos. Que ali tem pessoas que AMA... Que ama fazê o que tá fazendo. Que num tá ali... Tá ali pelo salário, tudo bem, que isso aí é importante que tem família pa ajudá. Mas também gosta de tá ali, gosta de tá ajudando, gosta de compreendê, elas compreende, elas... Entendeu? Quando ela passa do portão pa dentro, pro serviço... Que entra dentro do equipamento, elas esquece todos os problema de fora... Ela entra ali de corpo, alma e coração. Agora tem outros que traz problema de fora, com família, com amigos, com isso... Pa dentro... Pa descontá naquelas outras pessoas que elas acha que é superior àquelas outras pessoa que tá ali... E num é. Elas que se engana. Tudo bem que ninguém precisa de ninguém... Ninguém depende de ninguém, aliás, ninguém depende de ninguém, porque precisar todo mundo precisa um do outro... Mas ninguém depende de ninguém. A única coisa ali que tá ali que a gente tem que pôr EM PRIMEIRO LUGAR é o que? Que tanto eu quanto como pessoa que tá trabalhano tá dependeno daquele equipamento. Tá dependeno daquele equipamento, tanto eu quanto a pessoa. Agora num é porque ela tem um cargo, que ela tá ali, monitorando, que eu sou o usuário, que eu sou mais de que ela ou ela é mais de que eu. NÃO. Nós somos igual. E se olhar direitinho... Eu tenho mais capacidade... Tem pessoas usuária que tem mais capacidade de que o próprio daqueles que tão ali trabalhano. Entendeu? Tem mais capacidade de...

Ana Carla: E isso você sentiu... Você ficou internada só nessa clínica?

Sujeito 7: Graças a Deus pa nunca mais ser internada em clínica nenhuma mais. Não por não... Por não pá... É porque é o seguinte... A gente tem que aprender com as porrada da vida e... E é uma coisa que eu... Eu trago muito comigo, que eu aprendo... Eu gosto de apanhá só uma vez e olhe lá... Quando eu chego a apanhá... É... Quando eu chego a apanhá, porque às vezes só de vez os outro apanhano eu já sei que num é bom pa mim... Eu já num gosto de entrar debaixo de chicote... Então... A vida que eu vivi na droga num foi bom, num me trouxe NADA... Num me deu...

Ana Carla: Hoje você tá... Sem a droga... Fala pra mim, qual o estágio que você está hoje? (...) Tá sem a droga, tá fazendo acompanhamento?

Sujeito 7: Eu tô... Eu tô sem a DROGA vai fazê:::.... Vai fazê quatro mês... Hoje é dia... Vinte e quatro, né?

Ana Carla: Isso...

Sujeito 7: Dia vinte e quatro. Então:::.... Falta três dia pa fazê cinco mês...

Ana Carla: Você tá sem a droga... Você tá fazendo acompanhamento no SAMA...

Sujeito 7: Eu tô sem a droga, fazeno acompanhamento com... Psicóloga... Fazeno acompanhamento com terapeuta... () Tô ino pros grupo de NA...

Ana Carla: Tá estudando?

Sujeito 7: Tô estudano... Graças a Deus...

Ana Carla: Então hoje você tá num... Como é que você diria que você tá hoje, o seu estado?

Sujeito 7: O meu estado que eu tô hoje? Eu... Tô começano a viver aquilo que eu tanto pedia pa Deus... Que era ter uma vida NORMAL... Entendeu? Hoje em dia eu tô vivo assim... Eu tô começano a viver. E vou chegar lá.

Ana Carla: Vai chegar lá...

Sujeito 7: Eu vou chegar lá porque... Cada dia é um dia de cada vez, é um passo, né... Que você tem que dar. É a vida... É... Eu tenho... Eu tenho certeza e eu sei que... Que Deus tem muita coisa pra mim porque... Eu acredito muito nele, que é um Deus VIVO na minha vida... Sempre teve presente em TUDO... Memo eu fazeno coisas boas e coisas ruim... Ele sempre tava presente em tudo, ele nunca me abandonou, então... Não é agora que... Eu me tornei uma ferramenta dele... Que AGORA SIM... Eu já era uma ferramenta dele, mas ele num fazia uso de mim porque eu num deixava... Agora eu tô deixano ele fazê uso de mim... Então... Eu sei que minha vida vai melhorar cada vez mais, cada dia mais... E eu sei que eu só tenho a melhorar, só tenho a... A ter coisas boas na minha vida.

Ana Carla: Com certeza. Olha (...), eu vou te agradecer muito por esta entrevista. Foi muito rica... Contribuiu... Você vai contribuir MUITO e... Eu vou dar a devolutiva pra você, quando eu defender essa tese. Quem sabe você vai tá lá junto?

Sujeito 7: Com certeza:::.... Se Deus quiser, eu vô tá lá...

Ana Carla: Tá certo?

Entrevista

Ana Carla (Entrevistador principal), Leandro (Entrevistador complementar) e Simone (Entrevistada 03)

Entrevistada 03: Eu saí de casa com quatorze anos de idade, quatorze anos então eu praticamente fui mãe, bem dizer, eu fui mãe com treze, treze anos. Aí o que acontece, eu fui para a casa da minha mãe, minha mãe não quis me aceitar por causa do meu padrasto que tava dentro de casa, aí eu peguei e fiquei pra rua, ganhei aonde eu fui ganhar meu filho, na casa da minha irmã mora em São Paulo. Aí eu peguei, ganhei, passei a guarda, eu tive que passar a guarda pra ela, definitiva.

Entrevistador: Mas você sofria alguma violência em casa?

Entrevistada 03: Eu sofri duas.

Entrevistador: Enquanto criança?

Entrevistada 03: Do pai dele, do pai dele.

Entrevistador: A do pai do seu filho.

Entrevistada 03: Do pai dele.

Entrevistador: Mas na sua casa com mãe, padrasto não?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador: Então você não tinha histórico de violência em casa?

Entrevistada 03: Em casa não.

Entrevistador: Tá.

Entrevistada 03: Aí eu tive que pegar passar apenas a guarda dele, do meu filho, pra ela de uma vez, de vez, que eu estava com situação de rua. Era só crack, crack, eu só tava usando e não queria saber de banho, não queria saber de se alimentar, não queria saber de nada, não queria saber nem de estudar mais, tinha abandonado até a escola.

Entrevistador: Quando você ficou sabendo que você estava grávida, você teve que sair de casa, você foi expulsa de casa ou por opção sua?

Entrevistador: Ah você foi expulsa por conta [fala interrompida].

Entrevistada 03: Eu cheguei na minha mãe e contei, mãe eu to grávida e eu vou ficar em casa, e ela virou e falou pra mim, aqui não é o seu lugar, aqui não é o seu lugar. O seu lugar é junto com o pai do seu filho que te engravidou.

Entrevistador: Hum, ta.

Entrevistada 03: Foi na hora que eu peguei e falei, liguei para minha irmã em São Paulo.

Entrevistador: Ah ta.

Entrevistada 03: Aí eu peguei e liguei pra ela, ela veio e me pegou, me levou pra casa dela, aí falei assim ó, aí ela perguntou você vai deixar, você vai passar a guarda definitiva dela pra mim, aí eu falei eu vo, porque eu não vou ter condições de criar uma criança na rua.

Entrevistador: Com treze anos?

Entrevistada 03: Com treze anos e sabendo, já tava com um projeto, olha pra você ver, com um projeto na cabeça de sair do hospital e cheguei a usar crack dentro do hospital, você já se viu uma coisa dessa? Eu nunca.

Entrevistador: Mas com quantos anos isso Simone?

Entrevistada 03: O crack eu comecei usar com dez anos de idade.

Entrevistador: Você começou a usar crack com dez anos de idade, dentro de casa? Seus pais tinham histórico de usar drogas?

Entrevistada 03: Ele foi um deles que me ensinou a fumar crack.

Entrevistador: O seu pai ou padrasto?

Entrevistada 03: Meu pai legítimo.

Entrevistador: Ah, o pai legítimo. Ah ta.

Entrevistada 03: Foi um desses que me ensinou a fumar o crack.

Entrevistador: A usar o crack, com dez anos.

Entrevistada 03: Com dez anos.

Entrevistador complementar: Quantos anos você esta hoje Simone?

Entrevistada 03: Com três, seis.

Entrevistador: Trinta e seis.

Entrevistada 03: E aí porisso que eu não tava parando na casa de convivência, porisso que eu não tava parando no abrigo, entrava e saía, entrava e saía, que até belo dia, que até um belo dia se me cercou na casa de convivência e falou que preciso falar com você urgente Simone, naquela hora ali Ana Carla, eu tava com dinheiro, já tava, já tava, o foco meu naquela era ir lá na passarela.

Entrevistador: Então você começou a usar o crack com dez anos e o seu pai te ensinou a usar o crack. Aí você engravidou e foi pra rua, não é isso? Você chegou a usar você já tinha uma dependência de álcool, você está me dizendo que você usou.

Entrevistada 03: Não, álcool não bebi.

Entrevistador: Mas o crack que você usou dentro do hospital, conseguia fazer isso? Mas alguém levava para você?

Entrevistada 03: Não, eu cheguei a levar dentro da minha bolsa.

Entrevistador: E aí você teve sua filha, o filho né e foi para a casa da sua irmã e passou a guarda pra ela?

Entrevistada 03: Passei a guarda definitivamente pra ela.

Entrevistador: E aí depois disso?

Entrevistada 03: Aí depois disso eu continuei só tava...

Entrevistador: Só na rua?

Entrevistada 03: Só rua, rua, rua, era direto, era vinte e quatro hora por quarenta e oito.

Entrevistador: Mas e aí você morou um tempo em São Paulo com a sua irmã?

Entrevistada 03: Não, eu vim embora direto.

Entrevistador: E aí você saiu e deixou a criança lá e veio embora para São José?

Entrevistada 03: Vim embora direto.

Entrevistador complementar: Isso você tinha quantos anos?

Entrevistada 03: Ai tava com, já tava quase com treze.

Entrevistador: Com treze que foi quando ela teve a filha.

Entrevistador complementar: Deixa eu te fazer outra pergunta para você, com quantos anos você teve a sua primeira relação sexual?

Entrevistada 03: Treze, quatorze anos.

Entrevistador complementar: Quatorze anos?

Entrevistada 03: Aí tive ele, meu muleque, com quatorze, com treze. Engravidei com treze e tive ele com quatorze.

Entrevistador: Aí você veio e deixou com a sua irmã, voltou para São José dos Campos e aqui você tinha onde ficar Simone?

Entrevistada 03: Ah eu tava ficando na casa minha mãe, aqui na Vila Paiva.

Entrevistador: Tá, aí ela te aceitou de volta.

Entrevistada 03: Aí depois de tudo o tempo, depois dessa rotina toda, aí ela me aceitou de volta, aí ela foi agora e arrumou esse padrasto, esse homem aí.

Entrevistador: Mas você chegou a viver um tempo com o pai do seu filho?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador: Não?

Entrevistada 03: Que ele era, ele era muito...

Entrevistador: Agressivo?

Entrevistada 03: Agressivo e eu já também, já tava daquele jeito, já não tava nem aí pra vida mais, eu pegava minhas coisas, todas coisas que eu pegava era celular, era as coisas tudo que eu pegava na mão ia embora.

Entrevistador: Você usava.

Entrevistador: Então você diria que, seguindo o roteiro aqui, que o motivo que levou você ir pra rua foi ter engravidado, a sua mãe não ... você foi expulsa, você foi expulsa de casa, é isso.

Entrevistada 03: O roteiro não ...

Entrevistador: Tá. E o que quê a rua representa pra você Simone? Nesse tempo aí, o que quê é a rua para você?

Entrevistada 03: Ela me ensinou muita coisa, ela bateu e ensinou ao memo tempo.

Entrevistador: Bateu e [fala interrompida].

Entrevistada 03: Ela bateu e me ensinou coisa ruim, coisa ruim e uma coisa boa em outra parte.

Entrevistador: Fala pra mim algumas experiências marcantes de rua? Ou seja, lá uma experiência boa, uma experiência muito ruim.

Entrevistada 03: Ah, é uma experiência muito boa, mas não é muito bom também porque eu caí na prostituição, né.

Entrevistador: Tá.

Entrevistada 03: Se ou ... eu comecei a trabalhar lá na Praça Afonso Pena lá que não parava, era todo dinheiro que eu pegava, era Banhado, todo dinheiro que eu pegava, era Banhado.

Entrevistador: Então você se prostituiu para poder ter o dinheiro pra [fala interrompida].

Entrevistada 03: Se manter.

Entrevistador: Manter a droga.

Entrevistada 03: O vício.

Entrevistador complementar: Com qual idade? Quando você começou a se prostituir?

Entrevistada 03: Ah eu já tava com mais de dezoito.

Entrevistador: E isso aí ficou se estendeu por muito tempo Simone?

Entrevistador: Você ficou nesta situação muitos anos? Quanto tempo mais ou menos?

Entrevistada 03: To com três, seis, um tempo já. Mais de um ano.

Entrevistador: Uns vinte anos mais ou menos, por aí. Você nunca foi morar numa casa fixa depois? Nunca teve uma casa fixa?

Entrevistada 03: [Sinal vocal indicando negatividade].

Entrevistador: E você fica na rua aonde Simone? Dorme embaixo da ponte?

Entrevistada 03: Não eu tava, quando eu tava usando, tava usando, eu não durmo.

Entrevistador: Ah tá, você não tem necessidade [fala interrompida].

Entrevistada 03: Eu não durmo.

Entrevistador: Você não tem necessidade de dormir?

Entrevistada 03: Eu não durmo. É vinte e quatro horas acordada, eu não durmo Ana Carla.

Entrevistada 03: Os outros fala, tem gente que fala assim “não sei como que você aguenta”. Teve um dia Ana Carla que eu fiquei três meis e quatro noite sem dormir.

Entrevistador: Usando de dia e de noite? Você se prostituía, pegava o dinheiro e usava?

Entrevistada 03: E quando não aparecia de carro ainda pra ir pro hotel fumar.

Entrevistador: Tá. Quais as dificuldades muito grandes que você enfrenta na rua, fala pra mim.

Entrevistada 03: Ah, é [fala interrompida].

Entrevistador: É o frio, é fome, é violência, por exemplo, qual a maior dificuldade para quem está na rua?

Entrevistada 03: Ah .. fome, fome, eu nunca passei na rua.

Entrevistador: Nunca passou?

Entrevistada 03: Não, fome eu nunca passei. Que eu via que dava fome em mim, eu já corria atrás de comida, já corria atrás das coisas pra mim.

Entrevistador: Tá e outras [fala interrompida].

Entrevistador complementar: Encontrava com facilidade?

Entrevistada 03: Ah eu batia nas casas né, eu pedia, casa. Pedia, pedia coberta, pedia, pedia alimento, pedia tudo.

Entrevistador: Você tinha dificuldade para ter, mendigar essas coisas?

Entrevistada 03: Ah numa parte eu achava muito difícil, que tinha gente que dava, tinha dia que, tinha gente que já não dava né, falava que não tinha.

Entrevistador: Tá, e assim, além disso, tem algumas outras coisas ruins que a rua oferece?

Entrevistador: Fala pra mim o que quê tem.

Entrevistada 03: Muita coisa ruim porque eu deitada, tava com a coberta assim ó [entrevistada ilustrou], uma coberta de pelucí, a sorte minha que não sei, acho que foi Deus que me avisou, eu cabei de deitar, que eu me cobri, me deita um cara do lado assim, passou um cara de moto e jogou a gasolina e lascou fogo. Eu me sinto aquele calorão, falei, olhei [fala interrompida]

Entrevistador: Então lascou fogo?

Entrevistada 03: O guarda do posto virou e falou assim “você nasceu de novo”, eu falei por quê? “você não viu o que aconteceu do seu lado?”. Eu falei só senti o calor, o bafo do fogo, o cara passou e jogou gasolina no homem ali e você não viu.

Entrevistador complementar: Deixa eu perguntar uma coisa para você, essa criança que você falou, foi seu primeiro filho?

Entrevistada 03: Meu primeiro filho.

Entrevistador complementar: Quantos filhos você tem hoje?

Entrevistada 03: Ah eu tive ... fora dois que morreu né, que Deus me livre, era para ser dezoito, tenho dezessete.

Entrevistador complementar: Tem dezessete?

Entrevistador: Dezessete filhos. Esses filhos todos são frutos dos programas que você fazia?

Entrevistada 03: Era.

Entrevistador: Você não conseguia prevenir, nada?

Entrevistada 03: Na hora ..

Entrevistador: Na hora nada.

Entrevistada 03: É porque quando tava daquele jeito, você vai ver como?

Entrevistador: E todos os filhos seus foram adotados?

Entrevistada 03: Não, teve dois que (risos), teve dois que eu deixei com o pai.

Entrevistador: Tá.

Entrevistada 03: Porque eu não ia criar um filho, as crianças sozinhas.

Entrevistador: E você tem contato com esses filhos?

Entrevistada 03: O Léo ta morando no Satélite, ali no Ouro Fino e o Jonathan e o ... Rafael estão morando aqui no Jardim Paulista.

Entrevistador: Tá, mas você consegue ter contato e ver eles?

Entrevistada 03: Eu não tenho o telefone deles, eu queria ter o telefone deles pra mim ligar pra eles.

Entrevistador: Mas os pais autorizam?

Entrevistada 03: Eles sabem que eu vou lá.

Entrevistador: Eles sabem?

Entrevistada 03: Sabe que eu vira e mexe, eu to, que eu to ... procurando eles. Mas ele mesmo falou pra mim que ele não pode proibir.

Entrevistador: Tá.

Entrevistada 03: Ele não pode proibir de ir ver as crianças.

Entrevistador: E você acha Simone que, por exemplo, a pessoa que vive na rua hoje né, o fato de ir pra rua está ligado ser pobre, rico, não? Ta ligada à classe social é isso?

Entrevistada 03: Ah, isso aí eles, eu mesmo já vi uma pessoa, já vi esses tempos atrás antes de eu voltar pra casa de convivência eu tava vendo a matriz, a minha irmã tinha chegado, óh para você ver, eu tava durmindo, depois de três, de dois, ó vai chover, depois de ter meus que eu fui e deitei no banco assim, minha irmã chegou e me acordou junto com a minha filha, com a Carol, “mãe, mãe, mãe”, eu hãh, hãh, hãh, desse jeito. Aí a hora que eu acordei que eu lavei o rosto, aí perguntaram pra mim “que ce ta fazendo aqui”, aqui não é seu lugar.

Entrevistador: Isso sua filha?

Entrevistada 03: Minha filha.

Entrevistador: Então você tem vínculos familiares no município ainda?

Entrevistada 03: Eu tenho.

Entrevistador: Eu vejo que ela tem esse contato com o filho, com os pais dos seus filhos [fala interrompida].

Entrevistada 03: O Léo mesmo [fala interrompida].

Entrevistador: Você acessa serviços de população de rua? Por exemplo, serviços públicos? Abrigo, casa de convivência, desde quando?

Entrevistada 03: Desde 2009.

Entrevistador: Desde 2009. O abrigo você está desde quando?

Entrevistador complementar: 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014.

Entrevistador: Você está há cinco anos no abrigo.

Entrevistador complementar: Você tem vinte e quatro anos na condição de rua, o resto você viveu todinho nela?

Entrevistador: Então você viveu todo esse resto de tempo na rua e cinco anos no abrigo.

Entrevistada 03: Cinco anos no abrigo.

Entrevistador complementar: Vinte e quatro, são dezenove anos de rua.

Entrevistador: Você sempre dormia assim em matriz, como é que era? Conta essa história pra mim.

Entrevistada 03: Ah eu procurava lugar.

Entrevistador: Como é que era?

Entrevistada 03: Não tem a Esquina do Peixe que nós passa todo dia de Van para ir pra Casa de Convivência? Ali, eu durmo, naquele outro restaurante que tem aquelas cadeiras vermelhas, eu durmia ali direto. Abordage já foi ali, o ... como que é? O acolher já foi ali me abordar, o João memo, o João da abordagem cansou de me abordar.

Entrevistador: E você então acostumou a viver na rua?

Entrevistada 03: Eu ... agora desacostumei.

Entrevistador: Você sentiu muito frio na rua?

Entrevistada 03: Eu sentia muito, eu sentia era, era mais de madrugada.

Entrevistador: Além dessa violência aí que você contou desse rapaz que pôs fogo em alguém, você já sofreu outras violências de apanhar?

Entrevistada 03: Já.

Entrevistador: Já? Conta um pouco.

Entrevistada 03: Ali perto da escola Olímpio Cathão, foi num sábado, isso foi na época da Linete, aqui na Casa de Convivência, ali ó, eu tava indo pra escola, tava la perto da escola já, aí o cara pegou a alça da mochila pensando que tinha dinheiro, pensando que tinha as coisas, mas não tinha nada, só tava o meu celular, o celular tava tocando, aí na hora que eu fui pegar o celular ele puxou, aí ele arrebentou a mochila, ele viu que eu não soltei a mochila, aí ele pegou eu e rastou eu pelo cabelo, da .. daquele, daquela descida do Banhado e me empurrou lá embaixo, aí chegou lá embaixo catou eu pelo cabelo, eu acho que .. não sei se tem marca, puxou eu me rastou pelo cabelo e chegou lá embaixo começou a passar meu rosto assim, na terra. Imagina quando ele passava, sangrava, aí se não podia por a mão aqui, nem aqui nessa parte do meu corpo, aí quando foi eu só falei meu Deus me coloca alguma na minha frente pra mim pegar e já soltar na onde que não deve pra ele não fazer mais nada, pra ele não ter força de fazer mais nada, nisso que eu peguei, passei a mão no paralelepípedo e soltei, o jeito que eu soltei e não sei como que eu subi aquele morro, correndo toda sanguentada, aí eu gritei, aí eu gritei e os meninos lá de baixo já veio, do jeito que veio não deu tempo dos caras matar, porque o cara já tinha subido, correu atrás de mim pra ver se eu já tinha pra fazer alguma coisa, aí viu que não dava mais tempo, que eu fingi que eu tinha morrido atrás da banca de jornal, perto da matriz ali.

Entrevistador complementar: O Simone deixa eu te perguntar uma coisa, por exemplo, só dessa cena que você disse da prostituição, que você teve por um

período, por exemplo já pelo fato de você ter a condição de rua que você disse também, aconteceu com você em certos momentos de homem encostar e oferecer pra você, uma condição de você sair da rua, morar com eles, em algum momento dessa caminhada? Principalmente quando você estava mais nova, uma certa adoção, da pessoa chegar mesmo vendo você na condição que estava te oferecerem assim “porque você não vem e mora comigo”, esse tipo de oportunidade, ela chegou até você?

Entrevistada 03: Teve sim mais eu tive na, como eu tava com a cabeça cheia já, já falava que não, só pegava o dinheiro e já saía, entendeu, várias vezes já aconteceu vou falar a verdade pra você, abandonei minha casa de novo Ana Carla, eu não quis ficar, eu não quero ficar.

Entrevistador: Você não quer ficar na casa?

Entrevistada 03: Eu não quero, pra ficar .. ser mandada.

Entrevistador: Mas que casa você morava?

Entrevistada 03: Lá no Buquirinha.

Entrevistador complementar: A casa da sua mãe?

Entrevistador: Não é uma casa que ela ganhou.

Entrevistador complementar: Ah ta, entendi.

Entrevistada 03: Eu não quero, pra mim ser mandada. Eu tava morando com uma pessoa e você conhece essa pessoa, trabalhou tudo de motorista e tudo no abrigo.

Entrevistador: E casa está no seu nome?

Entrevistada 03: A casa tá e eu não quero. Porque que eu não quero? Porque eu não gosto, pô chegava do serviço era roupa lavada, almoço pronto, casa limpa, tudo certinho. Chegou um certo tempo eu saí da casa do irmão dele, chego em casa eu pego ele falando com a ex mulher dele.

Entrevistador: Às vezes ela já tem essa experiência de rua e realmente uma pessoa que da forma dela é independente, ela quer ter essa independência e é difícil para a pessoa que tem essa vivência de rua, ser independente e estar num local e ter alguém te controlando, a sua vida.

Entrevistada 03: Sabe o caso, os materiais da casa, não precisa me falar o que eu tenho que fazer, o que eu deixei de fazer, o que tenho deixou de fazer. Se tenho roupa pra lava eu vou lava, se eu tenho almoço pra fazer eu vou fazer, se eu tenho .. se eu vou fazer tal coisa eu vou fazer, eu tenho que fazer, é minha obrigação de limpar a casa?é; minha obrigação de fazer aquilo? é; não

precisa ficar toda hora no meu pé. Agora toda hora fica em cima de mim e fica me cobrando, não é assim, eu não gosto.

Entrevistador: Deixa eu te perguntar uma coisa, você já sofreu violência na rua nesse tempo de rua pela polícia?

Entrevistada 03: Não. Isso daí não.

Entrevistador: Nunca sofreu violência pela polícia?

Entrevistada 03: Isso daí não.

Entrevistador: Qual é sua grande expectativa Simone, em relação ao futuro. O que você espera pra você?

Entrevistada 03: Ah eu quero sair daquele lugar, porque eu não aguento mais.

Entrevistador: Qual lugar?

Entrevistada 03: Aquele abrigo.

Entrevistador: O abrigo. O abrigo municipal?

Entrevistada 03: Eu to lá pra mim não ficar na rua porque eu não quero ficar na rua, eu não quero ficar dependendo de ... não quero ficar na rua e não quero depender da minha família.

Entrevistador: Qual sua expectativa então para sair dessa situação?

Entrevistada 03: Minha expectativa é aí ano que vem se Deus quiser vou começar, arrumar um serviço e trabalhar.

Entrevistador: Você já tem experiência de trabalho Simone, em algum local? Já teve carteira registrada?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador: Nunca teve carteira registrada?

Entrevistador Entrevistada 03: Qual a sua escolaridade?

Entrevistada 03: Eu só estudei até a segunda série só, eu não terminei.

Entrevistador complementar: Estudou primário?

Entrevistador: E quais são suas experiências de trabalho assim que você teve? Você já trabalhou com o que?

Entrevistada 03: Trabalhei... trabalhei mais na casa de família do que trabalhava lá na fábrica.

Entrevistador: Tá, você trabalhou como doméstica e depois você teve algumas experiências em fábricas também. Qual que é seu grande sonho? Isso você está me dizendo sua grande expectativa, um grande sonho seu?

Entrevistador complementar: Talvez traga assim desde o começo de tudo isso.

Entrevistada 03: Meu sonho é ver minha mãe feliz.

Entrevistador: Ver sua mãe feliz. Você tem contato com sua mãe ainda? Tem vínculo?

Entrevistada 03: Eu só não vou em casa Ana Carla, vou ser sincera com você, eu quase matei minha tia.

Entrevistador: Você quase matou sua tia.

Entrevistada 03: Que se eu for lá, eu vou acabar fazendo 'cagada'.

Entrevistador: E porque você quase matou sua tia?

Entrevistada 03: Porque ela veio dar um tapa na minha cara.

Entrevistador: Ah tá.

Entrevistada 03: E eu falei pra minha mãe, mãe eu só vou fazer ... eu peguei o, é porque ta intocado, é eu intoquei foram lá e cataram.

Entrevistador: Desde quando você não vê sua mãe Simone?

Entrevistada 03: Eu vejo minha mãe de vez em quando, ela passa lá perto de casa.

Entrevistador: Não, mais você não tem esse contato com ela.

Entrevistada 03: Ah faz pouco tempo.

Entrevistador: Ah tá. O que mais você acha que é importante falar pra mim? Foi importante ou bom ou ruim, nesse tempo de vida aí?

Entrevistada 03: Bom, bom, foi que eu retomei a minha amizade com o meu irmão né, depois de quatro anos, meus dois irmão.

Entrevistador: Que bom.

Entrevistada 03: Meus dois irmão. Depois de quatro anos ele... a gente se encontro, aí nisso daí hoje a gente se encontra, a gente se fala, mas a [fala interrompida].

Entrevistador complementar: Deixa eu te perguntar mais uma coisa, na condição de rua, na rua, tem algum parente seu sanguíneo, de sangue na rua?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador complementar: Não. Só você?

Entrevistador: Você acha que hoje em situação de rua é só pobre que fica em situação de rua ou tem ricos também?

Entrevistada 03: Tem ricos também, não é só pobre não.

Entrevistador: Pessoas de outras classes sociais.

Entrevistada 03: Tem rico também.

Entrevistador: Tem também. Hoje você para sobreviver, você ainda se prostitui Simone?

Entrevistada 03: Eu falei pra você Ana Carla, eu vou repetir, estou com trinta semanas sem uso de crack.

Entrevistador: Então isso é uma coisa assim ... é um marco.

Entrevistador: Você já ficou tanto tempo sem usar?

Entrevistada 03: Já fiquei um ano. Eu cheguei há ficar um ano sem usar.

Entrevistador: É. E voltou por quê?

Entrevistada 03: Ah é recaída. É porque depois que .. depois que o pai, depois que o meu marido mesmo morreu dentro de casa eu vendi a casa e foi tudo, aí peguei e [fala interrompida]

Entrevistador: Você teve uma casa com marido e ele morreu dentro de casa?

Entrevistada 03: Deu derrame cerebral.

Entrevistador: Os seus companheiros aí, eram usuários de droga?

Entrevistada 03: Não.

Não. Nenhum?

Entrevistador: Entrevistada 03: Era só eu mesmo.

Entrevistador: Só você.

Entrevistador complementar: Você já teve essa característica de marido uma única vez? Ou teve mais de uma?

Entrevistada 03: Ah eu ... esse que morreu de derrame eu morei com ele, eu fui morar com ele eu tinha dezoito anos. O segundo morreu, falaram que eu que matei (risos), falaram que as praga, que eu matei o Alexandre, vocês conheceram o Alexandre? Morreu no abrigo, um altão. Aí o ligeirinho foi a

mesma coisa, bebida. O ligeirinho coitado, ele saía de manhã e só voltava essas horas assim, só não voltava pra casa sem nada, era mistura, era mantimento, era tudo, voltava com o carrinho lotado.

Entrevistador: Você já precisou roubar para sobreviver?

Entrevistada 03: [Sinal facial indicando negatividade]

Entrevistador: Nunca roubou?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador: Interessante, porque boa parte dos usuários de crack acabam [fala interrompida]

Entrevistada 03: Acabam roubando a própria família.

Entrevistador: Exatamente. Você nunca roubou para [fala interrompida].

Entrevistada 03: De fato, é minha mãe quem me deve.

Entrevistador: Por quê?

Entrevistada 03: Meus quarenta real que ela vendeu meu notibook, por quarenta, que eu ganhei.

Entrevistador: Você ganhou um notebook Simone?

Entrevistada 03: Ganhei um notitbook zerinho, novido do meu filho, aí ela foi e vendeu.

Entrevistador: Pelo que você falou você quer ter esse contato com mãe?

Entrevistada 03: Mas eu vou ver ela, tá pensando que eu não vo? Eu vo.

Entrevistador complementar: Simone vou dar um parâmetro para você, por exemplo, como você classifica sua família, sua mãe, lá no começo quando você estava no meio da família, sua família é que nível de classe social? É humilde, é mais ou menos [fala interrompida].

Entrevistada 03: Minha mãe é humilde.

Entrevistador: Ou bem de vida?

Entrevistada 03: Não, minha mãe é humilde. Humilde.

Entrevistador complementar: Todo mundo dentro tem que trabalhar?

Entrevistada 03: Não, isso aí é só eu da família memo que não faz nada, o restante dos meus irmãos tudo trabalha.

Entrevistador complementar: E moram até hoje com sua mãe?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador: E todos eles aceitam você?

Entrevistada 03: Principalmente o Paulinho, o Paulinho e o Reginaldo.

Entrevistador: E não te aceitariam para morar com eles ou você que não tem essa vontade?

Entrevistada 03: Eu que não ficar dependendo deles.

Entrevistador: Não quer depender deles. E como é o serviço público pra você, o abrigo?

Entrevistada 03: Ah pra mim tá sendo bom porque pelo menos eles, eles mesmo falam pra mim “pô seu lugar não é na rua Simone, seu lugar não é a rua, seu lugar é junto com a gente”. Eles liga, liga aqui e fala que vem, não vem. “A gente tem que ta procurando você com a abordagem, tem que ta procurando você com a guarda, uma coisa que nunca precisou fazer isso com você”.

Entrevistador: E você está frequentando o SAMA, belezinha?

Entrevistador: Ela tá no SAMA.

Entrevistador complementar: Deixa eu te perguntar outra coisa, nesse período de condição de rua você teve em outras cidades fora de São José?

Entrevistada 03: É..

Entrevistador: Você nunca foi trexeira, por exemplo? Saiu daqui pra São Paulo?

Entrevistador complementar: Só São José?

Entrevistada 03: Não, nunca.

Entrevistador complementar: Que visão você tem de São José? Que palavra você usaria par São José em relação à condição de rua, ao morador de rua?

Entrevistada 03: Ah eu amo essa cidade, amo essa cidade cara.

Entrevistador: Mais o que você acha que o município oferece? A cidade oferece de São José dos Campos.

Entrevistador: Como é que São José dos Campos acolhe o morador de rua? São José, as pessoas, a sociedade, tudo. Como que você acha que é o acolhimento ao morador de rua?

Entrevistada 03: Você fala a abordagem?

Entrevistador: Não, as pessoas, em geral. Por exemplo, você está andando na rua, no comércio.

Entrevistador complementar: Geral, em relação ao pedir entendeu, ao correr atrás, tudo.

Entrevistada 03: Isso daí eles... muitas, eu já vi muitas, muitos, eles maltratam muito.

Entrevistador: Ah, a sociedade então [fala interrompida].

Entrevistada 03: Eles maltratam muito, por causa uns falam que é pra come, outros que é pra ir embora, outros fala que é pra viajar, mas não é.

Entrevistador: Você sofre discriminação por ser uma moradora de rua?

Entrevistada 03: Já fui muito, já fui muito.

Entrevistador: Mas você sofre ainda discriminação por parte das pessoas?

Entrevistada 03: Eu sofro principalmente da minha prima.

Entrevistador: É. O que ela já fez?

Entrevistada 03: Eu ia lá, direto lá, mas agora eu parei de ir, faz o quê uns dois anos que eu não vou lá.

Entrevistador: Porque, o que fez assim que [fala interrompida].

Entrevistada 03: Jogou, jogou, tava jogando as coisas na minha cara “agora você não vem nem pra tomar banho não, nem pra comer, porque você só vem aqui toma banho, come e sai fora, você vai usar sua droga, vai lá usar seu crack lá”.

Entrevistador complementar: Você diz que você ama essa cidade, você disse aí agora pouco. O que te leva a amar esta cidade?

Entrevistada 03: Óh, essa cidade pra mim eu não tenho o que falar dela, quem quiser falar que fale, eu não tenho nada pra falar. Desde quando a minha ... eu tive minha última recaída, última recaída mesmo, chegou uma pessoa, uma senhora de sessenta anos de idade e tava com quarenta dias, quarenta semanas sem usar, chegou uma senhora de idade e falou pra mim “minha fia joga essa portaria fora, o ralo tá ali óh, joga fora que isso aí não é seu não, isso daí não é pão nem café não, porque se isso daí enchesse barriga tava todo mundo com a barriga cheia e não tinha mais ninguém na cadeia, ninguém na crínica”.

Entrevistador: Então essa senhora você encontrou na rua?

Entrevistada 03: Encontrei na rua, do nada, do nada, do nada, aí ela pegou e falou assim pra mim, aí eu peguei e olhei bem pra ela, ela acabou de virar as costas eu olhei bem pra ela e não é que ela tem razão, eu tava com dinheiro cinquenta real no bolso e não é que ela tem razão.

Entrevistador: Simone vou encerrar aqui agora, foi muito boa sua entrevista, pode ser que a gente tenha que fazer mais momentos, você está vendo, tem uma riqueza muito grande de informação, pode ser que a gente faça de novo para acrescentar. Pensa em tudo que eu falei aqui, tá certo, pensa em tudo isso que eu falei e se você achar que tem mais informação, mais coisas, a gente marca.

Caso você lembre de alguma coisa mais, porque as vezes em um dia só a gente não consegue.



TRANSCRITORES ONLINE

Entrevista Jeise

Ana

Início da transcrição

Então Jeise agente vai começar estou aqui com o nome completo?

Jeise Souza de Assis.

Vai ser o sujeito da pesquisa de doutorado que eu estou fazendo: histórias de rua de crianças e adolescentes, analisando essa vivência a partir do morador de rua adulto, está certo?

Sim.

Então Jeise, gente é uma pesquisa em profundidade que a gente está realizando, é livre tá tem algumas coisas que eu gostaria que você apontasse eu vou estar dizendo para você, eu vou fazer algumas intervenções, quando eu achar que algumas coisa precisa ser tratado, mas o que é que eu precisaria que eu gostaria que você falasse? Desde quando você iniciou a sua vivência de rua, está certo a sua idade hoje, quando começou tudo, que motivos que levaram você a ir para rua?

Bom. eu tenho 26 anos, o que eu trago assim, e memória assim, dos motivos assim, dá razão de eu ter indo para a rua porquê da separação dos meus pais porque trabalhando em serviço, inclusive eles não dava conta de dar atenção de vida para mim, eu também pela minha rebeldia, minha hiperatividade.

Você é hiperativo? Você foi para a rua com quantos anos?

Desde que eu vim para São José, não necessariamente eu morava na rua, mas eu ficava mais na rua do que em casa, eu tinha casa.

Mas você ficava muito tempo na rua?

Eu fui criado na rua no meio da maloca, no meio da bagunça.

Mas com quantos anos mais ou menos que você começou?

Olha eu cheguei aqui em São José com 8 anos.

E aí a partir daí você já teve, então com 8 anos você veio para São José, a sua família, quantos irmãos você tem Jeise?

Eu tenho por parte de mãe e pai são três, e por parte de pai tenho mais 4, se eu não me engano.

E moravam todos juntos?

Não, não morava juntos, o que eu me lembro assim de, que eu me conheço por gente, eu nasci em Caçapava, morava eu, minha irmã mais velha, o meu pai, a minha mãe.... o meu pai o meu pai ele tinha problema com alcoolismo, a minha mãe saiu de casa cedo com 19 anos, depois engravidou aí foi morar com meu pai. Depois o meu pai morava sozinho era amigo, era meio bandoleiro também, e eu não sei, o meu entendimento que eu tenho hoje, é de que ele na época não segurava as pontas de criar uma família, então ele criou um personagem insuportável, na esperança de que a minha mãe fosse embora com nós, mas ele não conseguia, com isso vinha as agressões, vinha aos humilhações, tipo maltratando.

Você sofria essa violência dentro de casa?

Direto, eu era o alvo principal.

Mas os seus irmãos também sofria essa violência?

Quando os meus irmãos mais novos chegaram, foi até um alívio para mim porque, eu tenho por mim que essa perseguição, esse alvo, do meu pai para comigo era devido à cor porque o meu pai é negão, a primeira filha dele veio morena, eu nasci loiro do cabelo enrolado, e ele levava uma que eu não era filho dele, quem era filho de Aquiles, e zuava minha mãe, zuava a minha mãe, pegava eu pra louca, eu era tipo um bobo da corte, em casa. Zuava pra caramba, nesta época eu não entendia muito não é meu! Pô, qual é o fundamento da vida? Via meus amigos todos brincando tudo se divertindo, cascando o bico e eu não tinha sentido.

Você já tinha esses questionamento, quando criança?

Já tinha quando criança, eu falava: Poxa, que isso... eu não tinha um pinga de vontade, de viver meu.

É mesmo?

De verdade.

Quando você era criança?

Criança por quando eu tinha 6 para 7 anos, 6,7 anos. Vivia pra rua, com droga, envolvido.

E sua mãe, essa relação com a sua mãe?

O meu pai agride a minha mãe direto, muita bebida, a minha mãe sofrer mas só que ela suportava tudo isso, que nem eu tinha meio que um orgulho de não ter que voltar para casa do pai dela, que é meu vô,, que meu avô é um exemplo de homem, ele teve nove filhos, criou todos, deu assistência para todos não deixou desejar, todos eles são pessoas de bem, honesto, foi criado assim sabe, e meu avô na época que a minha mãe engravidou, meu vô tipo que eu não sei se ele não aceitou, ela que quis sair fora, já para não ter que engolir esse sapo, aí começou o inferno na vida dela, ela como dona de casa uma excelente dona de casa, cuidava tudo direitinho, não deixava a desejar, tanto porque meu pai também era rígido, chato, chucro, aí até que em uma dessas agressões, eu já na escola eu era tipo, mais à vontade, eu ficava mais à vontade porque eu sabia que meu pai não ia, naquele espaço ele não cantava de galo, porque o meu pai do portão para dentro, era uma nova situação do portão para fora ele era hiper educado, era gente boa, sabe, pulso firme tal, mas para dentro de casa era outros 500. Daí ele me agrediu, me deixou uma marca no pescoço, aí eu cheguei na escola, e eu na escola eu sempre fui prestativo, ajudava a professora na sala e era uma pessoa que eu chegava e era notado. Nesse dia eu cheguei e fiquei amuado, a minha mãe e tal pediu para esconder para não mostrar, porque minha mãe tinha medo e tal. Aí a professora perguntou, falou: “E o Jeise, não veio hoje?” “não está aqui professora, olha o Jeise ali.” “Ó Jeise, vem aqui o que foi que aconteceu?” Porque eu era né, eu era amigo da professora. Daí eu: “não professora, eu estou bem.” “Não vem cá menino.” Me chamou eu daí ela viu a marca no meu pescoço.

Você tinha apanhado?

Não ele tinha enforcado com a fralda.

O seu pai, estava alcoolizado?

Ah nem sei, foi de manhã isso aí. Tava, tinha dois irmão novo, um era de colo, estava engatinhando, tinha uma chupeta só, e eu tirava de um... “Ah, fazendo seus irmãos chorar?” Aí sobrou para mim, aí tranquilo aí chegou na escola a professora foi, levou para secretaria mostrou, e fizeram lá uma denúncia, daí eu já fui embora para casa chorando, porque a minha mãe falou que não era para...Caramba meu!Aí fui embora para casa.Cheguei em casa, eu falei para minha mãe, daí ela falou: “Você é louco, seu pai vai

matar nós, vamos embora.” Juntou as coisas e fugiu de casa. Aí nós ficamos fugindo de casa.

A sua mãe você e seus dois irmãos?

Daí catamos, a minha irmã pegou a minha irmãzinha de colo, eu peguei na mão do meu irmão, ela catou as malas, e vamos embora sumiu. E nós escondemos na casa de uma amiga dela, cuja a mesma era comadre e compadre. O meu pai e minha mãe era padrinho dos filhos dela, conhecido da minha mãe de muitos tempos, aí foi lá que eu comecei a criar as asas, porque desde pequeno, eu já tinha também uma rincha assim, eu tinha um certo, sei lá uma birra, uma raiva, assim do comportamento da minha mãe, eu via ela como a minha mãe, o cara me agredir, o cara me zuava, me esculachava, e ela deitava com o cara, beijava o cara, abraçava o cara, então eu tinha uma certa raiva dessa situação. Você entendeu? Então eu já não tinha ela como a minha amiga? Você entendeu? Muita zueira, muita bagunça, ela tipo dando risada, “para Rogério, para com isso. E porra, eu não aguentava a situação.

Você sofria?

Bastante, eu lembro em uma situação, um detalhe que eu lembro que eu dormia no colchão no chão do quarto dos dois, e meu pai, a minha mãe só tinha, esse bordão que saía da boca: “o seu pai vai te matar, seu pai vai me matar” E hoje eu entendo porque na época eles estavam tendo relacionamento, mas eu achava que meu pai estava tentando matar a minha mãe, você entendeu?

Ela não falava que eles estavam tendo uma relação? Porque você era uma criança?

Eu ouvia ela gemendo, e aquele vucu vucu, “eu falava meu Deus não deixa matar a minha mãe” Era a noite inteira, “não deixa matar a minha mãe, por favor”, no outro dia eu acordava, eu vi a minha mãe já ficava... Mas aí que eu não entendia, porque eles acordava bem, sabe, beijinho e abraço: “Caralho, o cara estava tentando matar ela a noite inteira.

Olha só gente.

Você entendeu? Que bagunça aí tranquilo, aí eu fui que essa rixam eu saí de lá. Aí chegando lá a minha mãe ela queria impor um pulso firme, aí eu comecei a bater boca com ela.

Nisso você tinha 8 anos?

É de 7 para 8 anos, aí lá é uma casa, essa amiga dela, eles eram envolvido assim com coisa de centro de macumba, um homossexual que ia lá aí ele, fumava um cigarro pra caramba, na época Derbão (Derby) e tal, e eu inventei de pegar um cigarro para fumar, eu é meu primo pequeno: “Vamos fumar para ver como é?” Que é daí eu comecei a fumar. Fumamos, fumamos, nós fumamos um pacote inteiro, de uma vez só, um cigarro atrás do outro. Eu lembro que a minha mãe foi aí me colocou de castigo e tal, bateu em mim e me colocou de castigo, aí meu pai foi lá buscar, ele descobriu que eu estava lá, foi lá armado de tiro, aí colocou nós no carro, tá aí a minha mãe foi e fugiu, daí eu lembro que ela passou assim e tal, deu um beijo em nós o meu pai procurando ela, dentro do mato e ela sumiu para todo lado e ela falou: “Olha, uma hora eu volto para buscar vocês.”

A sua mãe?

E foi embora, aí já foi mais um detalhe que gravou na minha mente, “está abandonando nós cara, puta abandonou nós com meu pai.”

E aí você foi com seu pai?

O meu pai me levou embora, o meu pai não segurou o baque de criar de cuidar de quatro, aí ele ligou para o meu vô, aí meu avô buscou nós. Aí foi onde nós fomos morar aqui em São José, chegando em São José eu notei, que o comportamento da minha mãe mudou, porque ela chegou tipo envergonhada, “...e voltar para casa do meu pai com quatro filhos, Então ela tinha que ser uma boa filha, então o comportamento dela era na casca do ovo, aonde a minha asa cresceu mais ainda. “Jeise, não sei o que lá”, “ah cala a boca eu que sei”, aí quando começou a minha rebeldia.

Aí você já começou essa rebeldia nessa data?

Aí que eu comecei.

Mas nessa época que você não usava droga não?

Eu fumava só cigarro desde pequenininho eu tomava uma cachacinha, o meu pai pedia: “pega lá pro pai e tal”, então eu já tomava um pouquinho porque eu sabia que à noite ia ter coro, então para dormir com o lombo... entendeu?

Ah entendi, porque você dormia no quarto você achava que o seu pai e a mãe, e o seu pai estava batendo na sua mãe, que ia matar ela você tomava para ficar mais.

Por que eu apanhava toda noite, então eu já apanhava com lombo quente, porque aí eu dormia tranquilo, sossegado. Aí comecei a ir para a escola e tal, e nessa a minha mãe jogava a responsabilidade dos meus irmãos pra mim.

Porque você era o mais velho?

Fazer isso, faz aquilo, faz aquilo... e eu ficava mais atacado ainda: “falei poxa mãe eu que tenho que fazer o papel de pai, tirando a minha infância minha vida e tal...”, mas era pura rebeldia.

Você já refletia essas coisas?

Pura rebeldia, (00:13:09) com a vida de verdade.

Aí você ficou, você ficava o tempo todo na rua, e às vezes ia para casa?

Tenho que dormir, tenho que tomar banho.

E quando o que você realmente, foi assim começou a questão das drogas mais pesadas, e foi ficar na rua?

Então foi assim comecei a fumar cigarro então com 8 anos, quando fui lá para faixa dos 11 para 12 anos, foi quando eu comecei a fumar maconha, comecei a fumar maconha estou era de praxe no bairro, mais da metade dos caras que fumava maconha, comecei na maconha, depois comecei a vender drogas para usar cocaína, foi lá para os 13 mais ou menos, aí com 14 eu fui preso.

Foi para Fundação Casa?

Não na época ela foi bem, não tinha fundação casa, aí eu fui para a Febem aí quando eu saí da FEBEM eu comecei a fumar mesclado, misturar maconha com crack, aí fiquei um bom tempo fumando.

Mas você ficou quanto tempo na Febem?

A primeira passagem minha foi com 14 anos, eu fui preso no latrocínio, que é roubo seguido de morte eu só estava como participação só, não foi eu que matei, por causa de eu estar junto. Eu sei que na época na Febem a fase ruim pra caramba, é uma fase que era bem descontrolada lá dentro mesmo, não tinha disciplina que tem hoje, não era assim

organizado que nem é hoje, era bagunçado, quem podia mais chorava menos, tinha ocasiões de estupro lá dentro, menor que agredia menor. Foi aonde também eu comecei a pensar sobre, comecei a questionar com uns e outros que também não concordavam, e nós decidimos dar um basta na situação, foi aonde nós deu um passo da revolução da fundação que hoje é a Fundação Casa, na época era Febem.

Então você participou desse processo aí para revolucionar como o da FEBEM.

Daí eu entrei numa disciplina certinho, ninguém agredir ninguém, não estuprar ninguém, respeito mútuo não é meu, trazer para perto oportunidade, não oprimir não condenar.

Nesse período Jeise, quando você teve preso você tinha as visitas da sua mãe, você não tinha, a sua mãe ia visitar você?

Tinha que ter, por que o pessoal da Assistência Social, a parte psicológica eles, cobra tem que ter, me davam passagem, foi aonde nós começamos a conversar, foi aonde eu comecei a ter entendimento das coisas que eu passei para trás, aonde que nós foi parar, a primeira vez que eu dei um abraço na minha mãe foi dentro da FEBEM.

Primeira vez?

Que eu dei um abraço na minha mãe, sabe, você dar uma abraço de saudade, você sentir saudade, primeira vez, porque na rua não tinha isso, o meu contato com a minha mãe na rua, não era de mãe para filho, era como se ela fosse a minha irmã mais velha, não tinha esse papo de mãe.

Era que nem o respeito.

Pra mim não tinha, não tinha.

Mas tudo por conta de uma história do passado que você viveu?

Do passado, e lá dentro tive contato com psicólogo, com assistente sociais foi onde eu comecei a despertar o interesse, por também psicologia, assistente social, comecei a me aprofundar nos livros, para entender as situações em rigor, eu tinha muito contato com muitos adolescentes, então procurava também a saber história e tal, fui chegar à conclusão que a maioria de uns que se encontram em situações, é fruto de uma desestrutura familiar.

Agora me diz uma coisa, você saiu da FEBEM?

Saí da FEBEM.

E foi pra rua você já depois disso você chegou assim, a viver em uma casa, a ter uma casa uma estrutura?

Vai chegar lá. Aí eu sair, mas saí já totalmente diferente, porque eu cheguei 14 anos sair com 16, corpo diferente, a roupa diferente, estava outro ritmo de situação, aí eu já saí na vibe mais de namoro, não estava mais, não estava nem muito ligado para droga essas coisas, namorar, paquerar, chamar atenção das meninas, na época era bonito.

Mas você é bonito!

Modéstia parte. Na época eu era bonito eu chamava atenção, gostava pra caramba, eu comecei a me envolver com umas meninas aqui, umas meninas ali, até que uma que eu me envolvi engravidou rapidinho, a primeira semana ela já engravidou, a mãe dela chamou eu, fez uma proposta falou: "pô, eu não vou obrigar você a casar mas se quiser alugar casa eu vou, eu posso ceder a casa pra vocês." na hora eu concordei, sair da casa da minha mãe, seguir meu rumo, sabe, fui morar com ela, aí eu fui morar com ela. E nessa eu

trampava, porque eu tava de LA, então eu tinha que trabalhar, trabalhava meio período, mas mesmo assim estava na bagunça ainda, porque eu queria ter os meus baratinhos dentro de casa e tal, naquela época ainda envolvia em uns roubo e outros, fazia uns corre ali e outro aqui, trampando, (00:19:08) atenção total, até que em uma desses saidinha daí eu fui preso de novo.

Você fazia isso e foi preso num assalto?

Eu fui preso no assalto. Daí esse crime do assalto, ela tava grávida, ela ia me visitar. Quando foi em novembro, quando foi no dia 02 de novembro de 2006, essa minha primeira filha nasceu.

Você estava com quantos anos?

Estava com 17.17 para 18, ia fazer 18 em fevereiro. Aí, ela levou, a menina estava com 12 ou 13 dias de vida ela levou pra me visitar, tirei foto com a menina, entramos no pátio, cujo o nome dele estava em um sonho meu, mas não pode registrar com esse nome. Mirele. Aí não autorizaram, aí ficou Mirela. Aí tranquilo, saí para a rua, aí decidi ficar bem, já tive entendimento do que aconteceu na minha infância, mas a gente dá um jeitinho, trabalhar, seguir em frente, aí eu comecei a trabalhar (20:50). A mãe do ex-namorado dela chegou na lanchonete com ela, daí.

A mãe do ex-namorado da sua companheira?

É. Eu fui perguntar para ela *“não, mas ela não é sua filha, ela é filha do meu filho”*. Aí eu fui procurar saber, ela tinha feito um DNA e realmente não era a minha filha, aí que veio a desilusão, sabe, desgosto.

Você achando que era sua filha?

Me senti traído, me senti traído não só por ela, por todo mundo, todo mundo sabia. Depois que eu descobri que todo mundo veio falando *“não, eu sabia”*, aí eu desgostei da vida, larguei mão, larguei mão dela lá.

Parou de trabalhar?

O parar de trabalhar veio como consequência da droga né.

Porque aí você começou a usar bastante drogas, a ficar na rua.

Usar droga e já não ia trabalhar.

Você usa que tipo, você já usou que tipo de droga?

Já usei tudo quanto é tipo de droga.

Crack, pó.

Crack, cocaína, mesclado, já experimentei OX, já cheirei cola, já cheirei tinner, só não tomei êxtase e nem injetei.

Jeise, me diz uma coisa, então aí você foi depois dessa desilusão você foi viver na rua?

Sim. Não, eu tinha casa ainda.

Mas você ia para a sua casa?

Eu ia depois de uma semana.

Você ficava na rua e ia para casa.

Eu ficava na rua direto, uma que veio como consequência da vergonha também, porque eu antes do uso, eu tinha um espaço, eu tinha o meu respeito com o pessoal ali. E com esse uso a decadência, o desleixo, sabe? A característica física, eu tinha vergonha de voltar a ir embora, aí foi onde eu me escondia lá para o meio da favela e ficava e não voltava embora. Aí chegava uma hora que o corpo não agüentava e tinha que ir descansar, tinha que ir dormir, aí voltava para casa. Essa batalha, o pessoal não entendia e falava “*o que está acontecendo com você cara?*”

Jeise, me diz uma coisa. Para sobreviver na rua, você tem que fazer muita coisa né? Eu estou te perguntando, vocês que têm essa vida de rua, tem que criar estratégias para sobrevivência?

Instinto de sobrevivência, todo ser humano tem Instinto de sobrevivência.

Mas quem está na rua tem mais?

Desenvolve.

Desenvolve mais isso?

Desenvolve.

Que tipos de estratégias vocês têm que criar para sobreviver na rua?

Eu vou falar para você aqui, aqui em São José não tem muita dificuldade, mas é o dia-a-dia na rua, o convívio com as pessoas, você é o que você passa, o que você vive é o que você se torna.

Você é o que você passa?

Você é o que você passa, o que você se alimenta, o que você é, o que você vê, o que você escuta, o que você sabe, o seu conhecimento, aquilo que vai fazer você. Se você viver no meio de falcatrua você vai ficar com a mente de falcatrua, se você não ficar você vai ser destacado, você entendeu? Aí você vai morar na rua, você vai encontrar com pessoas que é morador de rua, e no automático, no dia-a-dia você vai ganhar um envolvimento, um olhar um carro aqui, um faz um artesanato ali, um olha uma plantinha, o outro chuta um gato, o outro faz um cinco - cinco.

O que é chutar um gato?

O que eu posso dizer que é chutar um gato? Você está precisando de uma situação, você está apanhando ali para colocar a porta em um lugar e eu venho e te ajuda, sem que você me peça, eu chutei um gato.

Sabe por que eu estou te perguntando? Porque isso aqui depois eu vou perguntar e eu sei que tem uma linguagem própria na rua. Nessa tese eu pretendo anexar um glossário com a linguagem da rua, então por isso.

O que eu posso dizer que é chutar um gato? Você está precisando de uma situação, você está apanhando ali para colocar a porta em um lugar e eu venho e te ajuda, sem que você me peça, eu chutei um gato **Então, é fácil criar vínculo entre os moradores de rua, o vínculo entre vocês é fácil?**

Então, isso vem do instinto também, vem da necessidade da sobrevivência, tem que se comunicar.

Vocês se respeitam?

Não necessariamente.

Não?

Não necessariamente. O respeito ele vem do que você impõe, o que define você é o respeito que você impõe. Se você é uma pessoa que respeita vão te respeitar, se não te respeitar você vai cobrar o respeito. Agora tem pessoas que não se respeita.

É fácil viver na rua Jeise?

Não.

Não é fácil?

Não é fácil.

Você sofre violências na rua?

Ah não, porque eu sei viver na boa.

Mas uma pessoa?

Eu já vi muita coisa na rua, mas não dá assim, tem muito preconceito essas coisas.

Agora outra coisa, você acha que viver na rua, o morador de rua hoje, uma pessoa que é moradora de rua está vinculada a classe social? Tipo assim, é só pobre que está na rua?

Não. Está vinculado ao uso da droga.

Está vinculado ao uso da droga.

Especificamente ao álcool e ao crack, que o resumo da droga, nossa eu encontro muitas pessoas *“qual é a brisa dessa droga?”* eu falei *“você quer saber a brisa? Larga mal da curiosidade, porque o resumo da brisa é virar mendigo”*.

O que é a brisa?

Brisa é o efeito.

Brisa é o efeito da droga.

É o efeito. E o resumo do efeito é virar morador de rua, é caminhar para falência, falência espiritual, falência financeira, falência familiar, falência de caráter.

Olha Jeise, eu vou falar uma coisa, então você não tem mais, você tem vínculo ainda com a sua família?

Tenho, graças a Deus.

Você tem?

Tenho.

Você mantém esse vínculo com a sua mãe, com os seus irmãos?

Sempre que possível eu vou lá, eu ligo, porque eu vou falar para você, nessa altura do campeonato aperta, aperta, a realidade vai caindo em sim, você colocando os pingos no i, o tempo vai passando, estão crescendo, todo mundo fazendo o seu pé de meia e até quando você vai ficar nesse mundo?

Você faz uso de droga ainda?

Eu vou falar para você, eu estou em uma luta constante para me manter limpo, para me manter sóbrio, confesso que não é fácil, não é fácil.

Eu imagino.

Porque já é uma situação que está instalada no meu organismo, então o organismo em si ele pede, porque quem controla o nosso corpo é a mente, a mente é o comando do nosso corpo, o dependente é a mente que depende dessa situação, se é a mente que depende, como que o seu corpo vai resistir se é ela que pilota. Então chega a uma determinada fase da abstinência que se não medicada, que se não interrompida, ela não ludibria a sua própria mente para você ir até o uso sem que você perceba.

Agora mais uma coisa, viver na rua tem alguma coisa boa que você diria? Alguma situação, alguma coisa que seria bom?

Ah, tipo, não é questão de ser bom, tipo, a pessoa em si ela procura nessa, nesse bom fictício, nessa ilusão de que é bom, a liberdade.

Liberdade.

A liberdade, de não ter compromisso, de não assumir compromisso. Porque o usuário ele, nossa, não tem como, não tem cabimento o cara assumir compromisso de nada, porque se ele pega uma noite para usar, amanhã ele não vai trabalhar, então ele estando na rua ele não tem essa preocupação, esse é o bom fictício, é uma ilusão.

Esse é o bom fictício, o lado bom?

Não que seja bom.

E o que tem de pior de viver na rua?

É o frio da quatro da manhã.

É o frio?

No meu ponto de vista é o pior que tem.

Você já sofreu violência na rua?

Não.

Não?

Sim, já sofri uma vez.

Que tipo de violência?

O cara me agrediu.

Mas você estava deitado?

Eu estava deitado na frente da oficina dele, estava dormindo, aí eu dormi, aí ele veio me acordar com um balde de água, jogou um balde de água gelada, eu levantei já bravo, xingando, ele falou "*vai cartear*" que é retrucar né, "*perai então que eu vou pegar o Chico doce ali*" aí entrou dentro do carro eu sai correndo.

Porque tem pessoas que colocam a questão de por fogo, esse tipo de violência você não sofreu?

Não, isso aí não.

Você já praticou violência nessa situação?

Não, jamais.

Jeise, qual que é o seu grande sonho?

Meu grande sonho é me livrar da dependência.

Das drogas?

É. É que com isso Deus ouça.

Qual que é a sua escolaridade?

Eu tenho segundo grau.

Completo? Mesmo com essa vivência de rua você conseguiu ir para a escola?

Consegui.

Você trabalha com desenho?

Graças a Deus, esse é o meu meio de sobrevivência na rua

É o seu meio de sobrevivência na rua, você faz os seus desenhos e você vende?

É fácil.

Você desenha muito bem, você desenha muito bem.

Obrigado.

Em São José dos Campos, por quais serviços públicos você já passou em São José dos Campos?

Todos.

Fala para mim quais são.

Todos os que eu falo.

No abrigo de criança e adolescente você nunca teve?

No abrigo São José?

É.

Não, porque eu estava da FEBEM.

Você já passou na FEBEM? Mas em qual.

Eu já fui atendido pelo AdoleC.

Agora o abrigo...

Abrigo POP, Francisca Júlia.

Francisca Júlia é um hospital psiquiátrico, você passou por lá, porque Jeise?

Na dependência.

Por conta da questão da dependência. E a sua relação com a sua mãe hoje, como é?

Eu vou falar para você, tipo que poderia ser melhor. Eu entendo o lado dela, tipo, de ela ser assim meio fechada, ela tipo, não sei cara, eu acho que depois, quando eu tiver assim já, vencido na vida, tranquilo com a minha casa, como ela fala, criar juízo, eu acho que vai melhorar.

E você pretende, você tem essa vontade, mas pela dificuldade da droga.

Eu admito que sozinha não dá, não tem como, eu não consigo, tanto é que eu estou buscando internação, eu estou conseguindo, eu estou tentando.

Você já esteve internado alguma vez?

Já tive, fiquei 3 meses.

Na fase da adolescência?

Foi o ano passado.

Você já sofreu violência da polícia, já foi violentado pela polícia? Esse é uma pergunta importante porque tem algumas várias pessoas que já sofreu.

Eu já vi, eu já presenciei várias outras pessoas, mas eu não sei, eu sou bem protegido por Deus, porque eles não crespam comigo assim, eu já cheguei anotar um nível de alteração com algumas outras pessoas, com outros companheiros de rua assim, mas é pessoas que vivem dando trabalho na rua, vivem brigando, reclamando, então eles ficam meio que bolado.

Agora mais uma coisinha só. Como eu pretendo fazer esse glossário aí, eu sei que existe a linguagem própria da rua, não tem?

Sim.

Você pode falar para mim algumas linguagens, você falar o que significa?

Nossa, tem que buscar.

Lembrando. Por exemplo, manguiar.

Manguiar é mendigar, substitui o mendigar. Eu não consigo buscar na memória para ir falando, mas se você perguntar eu explico.

Você já teve vínculo com o tráfico?

Já, desde pequeno, com doze anos estava traficando.

Cortou esse vínculo?

Não tem como, eu sou usuário, ele me dá droga para vender eu fumo tudo, não tem como.

Então você cortou, você não tem, porque você pega a droga.

O vínculo que eu tenho.

É de comprar, mas eu digo traficar.

Não. Eu sou desenhista.

Porque eu sei que tem pessoas, isso eu fiquei sabendo, é muito difícil a pessoa traficar sendo usuário. Tem mais alguma coisa assim que você acha importante Jeise, que você acha que eu não toquei aqui no assunto que você acha importante falar dessa história, dessa vivência aí.

É grande a minha história, muita coisa.

Alguma coisa que você lembre? Você aceitaria além dessa entrevista, você escrever um pouco a sua história para mim?

Aceito, aceito.

Que eu vejo que na sua história tem muita coisa.

Eu já tive uma oportunidade de escrever.

Você toparia fazer isso?

Faço, maior barato, faço.

Então eu acho que assim, você ter a sua história, uma história bem representativa para aquilo que eu estou pretendendo. E assim, o que eu penso? Então você já teve vários serviços públicos, por exemplo, FEBEM, AdoleC, POP, abrigo POP, CRAS, você já passou por CRAS? Acho que não.

CRAS não.

CRAS é outro, é centro de referência da assistente social. Assim, porque eu preciso fazer esses confrontamentos. Uma grande pergunta minha, porque que temos várias pessoas que tem essa vivência que começou lá na infância e já passou por vários serviços, porque ainda continua?

Creio que a droga.

Você acha que é por conta da droga?

Porque o foco é a dependência, tem que mexer é na dependência, na recuperação.

E os serviços, oferecem as coisas?

Eu vou falar para você, alguns serviços, eu vou ser bem sincero, meio que acomoda, sabia, meio que acomoda, porque não vê necessidade de mudar, você usa, usa, usa, na hora que ele cansar, dá um abrigo para ele descansar, tomar um banho, acordou, vai de novo. No meu ponto de vista, sei lá, relação profissional, sei lá, você procurar ver onde a pessoa que se encaixa, se tem um perfil legal para trabalhar. Porque acomoda, o ser humano se adapta, ser humano gosta de conforto.

Olha Jeise, muito obrigado.

(...)

Ana Carla: Estamos aqui com o Marcos Vinícius, que aceitou ser sujeito da pesquisa histórias de vida de rua de crianças e adolescentes, analisando suas trajetórias a partir do sujeito adulto, pra mim, enquanto pesquisadora, Ana Carla Junqueira Meirelles Roberto... () Aceitou de livre e espontânea vontade, e o Marcos aceita a participação do Júlio nessa entrevista?

Sujeito 8: Sim...

Ana Carla: Aceita? Então tá bom... Marcos, é... O objetivo da pesquisa tá aqui nesse... Nesse termo que você assinou e eu vou tirar uma cópia e vou deixar pra você, tá certo? É uma tese de doutorado que eu pretendo defender em julho de 2015. O que que eu preciso, Marcos? Você tá com... Vinte e dois anos... Você pode falar pra mim o seu nome completo?

Sujeito 8: Marcos Vinícius Silva.

Ana Carla: (...) tem algumas coisas importantes que eu gostaria que você falasse livremente, não vou ficar te interrompendo, te fazendo perguntas... Eu só gostaria de... Algumas coisas que você focasse nessa entrevista. Eu preciso saber: quanto tempo de vivência de rua que você tem, quando que você iniciou, quando que você foi pra rua... Os motivos que levaram você pra rua (...), nome dos seus pais e, principalmente, nesse momento, há quanto tempo que você tá nessa vivência de rua?

(...)

Sujeito 8: Faz uns oito anos, acho...

Ana Carla: Oito anos?

Sujeito 8: Vai fazer oito anos que eu tô na rua...

Ana Carla: Você começou então... Você tá com vinte e dois anos...

Sujeito 8: Doze, doze...

Ana Carla: Você começou com doze anos (...)? E porque que você está na rua (...)?

Sujeito 8: Por causa de droga...

Ana Carla: Mas você saiu de casa? Ou você foi expulso, te mandaram embora?

Sujeito 8: Mandaram eu embora de casa...

Ana Carla: Os seus pais?

Sujeito 8: A minha mãe...

Ana Carla: (...) você morava onde (...)?

Sujeito 8: Eu morava no Campo dos Alemães.

Ana Carla: (...) você começou a fazer uso das drogas com quantos anos?

Sujeito 8: Com doze anos memo...

(...)

Ana Carla: E aí você começou direto com que tipo de droga?

Sujeito 8: Maconha...

Ana Carla: Maconha?

Sujeito 8: Depois passei pra cocaína... Só...

Ana Carla: Você não usou o crack?

Sujeito 8: Não usei o crack, graças a Deus...

Ana Carla: Você não usou?

Sujeito 8: Não...

Ana Carla: Você usou a maconha e a cocaína...

Sujeito 8: Isso.

Ana Carla: E aí você usava essas drogas em casa e a sua mãe te expulsou?

Sujeito 8: Eu usava na rua, demorava pra voltar pra casa... Dois dias... Três dias... E a minha mãe se CANSOU... E falou pra eu ir pra rua...

Ana Carla: Ah... E você tem mais irmãos (...)?

Sujeito 8: Tenho.

Ana Carla: Quantos irmãos você tem?

Sujeito 8: Tenho mais um irmão...

Ana Carla: (...) a sua família mora aqui em São José dos Campos ainda?

Sujeito 8: Mora...

Ana Carla: E você tem contato com eles ainda?

Sujeito 8: Não...

Ana Carla: Desde quando você não tem mais contato com eles?

Sujeito 8: Desde do... Final do ano passado...

Ana Carla: É? Mas... Então você saiu com doze anos... Você tá com vinte e dois... Dos doze até os vinte e um anos você continuava a ter, de vez em quando, contato com eles?

Sujeito 8: Eu sempre com vontade de... Vontade de vim vê eles, mas bem, né... Pra podê ajuda... Mas não pra atrapalhá...

Ana Carla: Você tem essa vontade?

Sujeito 8: Eu tenho essa vontade até hoje...

Ana Carla: E você acha que se fosse você vê-los... O que você acha... Você acha você que iria atrapalhar?

Sujeito 8: Acho que o quê?

Ana Carla: Você acha que você ia atrapalhar a vida deles?

Sujeito 8: Eu acho...

Ana Carla: Por que?

Sujeito 8: É muitos anos fora, né... Onze ano na rua... O Marcos Vinícius que eles conheceu há doze ano pra baixo morreu, né... Só que com um monte de sonho de viver bem... Pra viver bem, num precisa de muita coisa...

Júlio: (...), deixa eu fazer uma pergunta pra você nesse contexto aí, é... Como que você olha, assim, pra tua família, o contexto dela? Era uma família humilde, é... Mais ou menos? Ou hoje é bem estruturada em termos financeiros? Como que você olha pra eles?

Sujeito 8: Eu... Eu olho assim que eu tinha o que eu PRECISAVA...

Ana Carla: É uma família que seria de classe média?

Sujeito 8: CLASSE MÉDIA...

Ana Carla: Baixa, classe média alta?

Sujeito 8: Classe média... Tinha tudo que eu precisava e pra mim ser... Ficar tranquilo na vida...

Ana Carla: (...) quando você ficava na rua, você dormia na rua ou você tinha alguns locais...

Sujeito 8: Eu dormia na rua...

Ana Carla: (...) aqui em São José dos Campos onde que era o ponto que você dormia bastante? Você tinha, assim, lugar fixo?

Sujeito 8: Lá no... Onde que eu dormia bastante, cara? Eu dormia no Satélite...

Ana Carla: No Satélite?

Sujeito 8: Escondido de todo mundo... É... Eu tinha vergonha... Até hoje eu tenho vergonha... E faz doze anos que eu tô na rua... Mas até hoje eu tenho vergonha de dormir na rua...

Ana Carla: É mesmo?

Júlio: Mas por que? Você é muito conhecido?

Sujeito 8: Eu conheço muita gente...

Ana Carla: Você vai lá pro... Pro lado do campo ainda?

Sujeito 8: Eu nem vou... Perdi o gosto, perdi a vontade... Num gosto mais de lá...

Ana Carla: Tá... E o que que a rua tem... Fala pra mim um pouco dessa vivência de rua? O que que tem de bom na rua e o que que tem de ruim na rua, de viver na rua?

Sujeito 8: O que que tem de bom na RUA... ((pausa)) O que que tem de bom na rua... Não como que eu falá o que que tem de bom na rua porque eu acho que não tem nada não... Tem um monte de sonho na rua dos outros... Jogado fora, no lixo... Porque os outro num dá oportunidade pra ninguém... Isso tem bastante na rua...

Ana Carla: Um monte de sonho jogado fora?

Sujeito 8: Jogado fora... E o que tem de ruim na rua é que nós memo tamo se matando... O povo da rua... Ninguém respeita mais ninguém... Na rua você vira uma pessoa que não é VOCÊ...

Ana Carla: Você vira uma pessoa que não é você? Por que?

Sujeito 8: Doze ano pra trás, do jeito que eu saí, do jeito que eu sou hoje... ((pausa)) Muita coisa muda, né...

Ana Carla: (...) e hoje, você passa ainda algum tempo na rua?

Sujeito 8: Não...

Ana Carla: Você só fica no abrigo?

Sujeito 8: Fico no abrigo, venho pra cá... Tô atrás de outros objetivo, outras meta pra mim conseguir alcançar os meu sonho, né...

Ana Carla: Qual que é o seu sonho,(...)?

Sujeito 8: O meu sonho é ter minha CASA, ter minha família... Ter o meu carro, ser feliz...

Ana Carla: Ser feliz...

Sujeito 8: Esquecer tudo que já passou pra trás... Doze ano de rua... Só...

Ana Carla: Então... Você falou que você ficou um tempo aí na rua, né... Esse tempo que você morava na rua, você tem que criar estratégias pra sobreviver na rua?

Sujeito 8: Tem... Você já sabe que horário que é a comida num canto, você já sabe que hora que você tem que ir em outro... Porque eu num sei PEDIR, né...

Ana Carla: Você não pede?

Sujeito 8: Eu não PEÇO. Eu num sei pedir dinheiro pros outro... Aí você já sabe que hora que tem que ir no albergue tomá um banho... Eu já morei na rua memo... De ter TELEVISÃO, BARRACA...

Ana Carla: Ah, você já...

Sujeito 8: Já, já... Já morei na rua...

Ana Carla: Você já criou, já teve um barraquinho, uma televisão...

Sujeito 8: Já... Tudo na rua memo, lá em São Paulo... Isso aí foi quando eu fui pra São Paulo...

Ana Carla: Ah...

Sujeito 8: Eu já morei na rua MESMO...

Ana Carla: Então você saiu daqui e com quantos anos você foi pra São Paulo, (...)?

Sujeito 8: Dezesseis, eu acho...

Ana Carla: Ah, então você foi morar na rua em São Paulo? Por que? Lá era melhor?

Sujeito 8: Não... Pra conhecer mesmo...

Ana Carla: (...) e você ficou lá em São Paulo quanto tempo?

Sujeito 8: Fiquei uns dois anos...

Ana Carla: Aonde você ficava lá em São Paulo?

Sujeito 8: No Brás...

Ana Carla: (...) e lá você montou essa barraca, com televisão...

Sujeito 8: Foi... Um monte de gente também tava JUNTO... Um monte de gente, um monte de morador de rua junto...

Ana Carla: Tá... Então você não tem que ter estratégias de... Até pra se manter vivo na rua, ou não?

Sujeito 8: Tem... Num ficar andando com qualquer um... Só eu ir nos lugar com gente conhecida... Assim que eu vou me manteno na rua... Num mexer em nada que é de ninguém, só no que é meu mesmo...

Ana Carla: As pessoas que moram na rua se respeitam entre... Vocês tem um respeito mútuo entre vocês?

Sujeito 8: Tem... Tem sim...

(...)

Júlio: E fala pra ela umas palavras que é do ritmo da rua...

Ana Carla: Isso...

Sujeito 8: Nunca mexer nas coisas que é de ninguém...

Júlio: Tipo encharque?

Sujeito 8: Isso, enharque... Essa...

(...)

Ana Carla: É, então... Isso é uma... Outra coisa que é importante pra mim... Porque, assim... A gente pretende nessa pesquisa criar um... Glossário... Tipo assim, uma linguagem que o pessoal de rua usa muito...

Sujeito 8: O encharque...

Ana Carla: O que que significa o encharque?

Sujeito 8: Enharque é pedir as coisa pros outro...

Ana Carla: É pedir?

Sujeito 8: É... ()

Ana Carla: Você olha carro?

Sujeito 8: Olho... Já olhei carro na rua...

Ana Carla: Hoje você não trabalha?

Sujeito 8: Hoje não... Hoje eu tô tirando tudo os meus documento, tudo certinho pra mim ficar tranquilo...

Ana Carla: (...) uma outra coisa... Você já sofreu violência na rua? De quem? De amigo, de polícia, de...

Sujeito 8: De amigo, de polícia, de gente desconhecida quereno botar foto na gente de madrugada...

Ana Carla: Isso aqui em São José dos Campos?

Sujeito 8: São Paulo, São Paulo...

Ana Carla: Aqui não?

Sujeito 8: Aqui não...

Ana Carla: Em São José dos Campos já... Já teve isso... Pessoas quererem pôr fogo em vocês na rua...

Sujeito 8: Já já...

Júlio: Eu ia pedir pra você falar pra ela... Você lembra quando a gente pra São Paulo, pra aquele passeio? Você deu umas características legal, por exemplo, do ritmo de São Paulo, principalmente naquela característica que em São Paulo até o meio de como você adquire o dinheiro é diferente daqui... Você podia falar um pouquinho pra gente? Você lembra dessa história?

Sujeito 8: Ah... O jeito de ganhar dinheiro em São Paulo... O jeito que eu ganhava dinheiro é do jeito de carrinho, o carrinho na rua, de informação que os outro leva tal pessoa em tal lugar...

Ana Carla: Ah, informação?

Sujeito 8: É... "Onde que é a rua Paulista?"... "Vamo"... "Sabe onde que é o Brás?"... "Sei, vamo lá..."

Ana Carla: Ah tá...

Sujeito 8: Eu já fiz bastante coisa...

Ana Carla: (...) você tem, já... Já, é... Já fez serviço... Tem, é... No tráfico?

Sujeito 8: Já...

Ana Carla: Já fez?

Sujeito 8: Já...

Ana Carla: Conseguiu se... Se livrar do traficante?

Sujeito 8: Consegui...

Ana Carla: Hoje?

Sujeito 8: Consegui, graças a Deus...

Ana Carla: É? Você já teve que... É... Roubar sobrevivência ou pra outros...

Sujeito 8: Já...

Ana Carla: É? Você já fez uso dessa prática de... De roubos?

Sujeito 8: Já fiz...

Júlio: (...) eu acho que o importante de falar aí é mais ou menos assim... Que era um ponto que eu queria chegar. Por exemplo, é... Você já teve preso?

Sujeito 8: Já...

Ana Carla: Ah, sim...

Júlio: Você teve preso e cumpriu tua pena...

Sujeito 8: Cumpri...

Júlio: Você ficou quanto tempo lá?

Sujeito 8: Sete meses PRESO... Por causa de uma GRAMA de maconha, cara...

Ana Carla: Na Fundação Casa?

Sujeito 8: Não... Em Jundiaí... No Tijuco Preto... ((pausa)) Eu me revoltei com essa história de tráfico de droga, arrumei um emprego... Aí tô saindo do emprego, boleei um baseado, fui fumar... A polícia levou eu preso... ((risos))

Ana Carla: Por causa de...

Sujeito 8: Por causa de uma grama de maconha...

Ana Carla: (...) e como que é a relação sua hoje com o pessoal do tráfico? Eles te deixaram...

Sujeito 8: Tranquilo...

Ana Carla: Eles te deixaram livre?

Sujeito 8: Cada um no seu... No seu canto, né...

Ana Carla: Tá... Não te perturbam...

Sujeito 8: Não me perturbam mais, tranquilo...

Ana Carla: O seu grande sonho na vida?

Sujeito 8: Arrumar um emprego, né, cara? Sair desse chão e parar de deitar nesse chão... Ter minha cama pra mim deitar...

Ana Carla: Tá... Você estudou... Qual que é o seu grau de escolaridade?

Sujeito 8: Oitava série...

Ana Carla: Você completou a...

Sujeito 8: Não...

Ana Carla: (...) então você gostaria de arrumar um emprego, pra ter sua casa, pra sair do abrigo, pra ter o seu carro... Retomar a sua vida...

Sujeito 8: Retomar a minha vida de novo...

Ana Carla: E o que mais assim que você acha... É... A violência. Eu queria voltar um pouquinho pra questão da violência, tá? Você sofreu violência... Você já sofreu violência em casa?

Sujeito 8: Não.

Ana Carla: (...) você começou a sofrer violência depois que você foi pra situação de rua...

Sujeito 8: É...

Ana Carla: (...) fala um pouquinho mais, relata... Tenta lembrar aí o que mais você... Dessas suas experiências de rua aí...

Júlio: Principalmente dessa parte sua, é... Por exemplo, o espaço de tempo desse... Dessa cena sua na cadeia...

Sujeito 8: Então... Deixa eu te falar... Eu via o tráfico de droga com um outro jeito... Eu via uma fuga... No começo, quando eu entrei pra isso daí eu via uma fuga pra eu tentar me dar bem na vida, mas tentar pegar o dinheiro daquilo ali e usar pras coisa boa...

Ana Carla: Certo...

(...)

Sujeito 8: Eu pensava que eu ia conseguir fazer isso aí... Por algum tempo, tava dano, mantendo a minha casinha, tava dando tranquilo... Pra mim ajudar até meu próximo... Do jeito que eu podia... Mas depois eu fui veno que só ia me prejudicá, me levano até mais pra baixo...

(...)

Júlio: Mas eu queria saber outro detalhe, que, na verdade, você até você já comentou comigo... Eu queria saber esse período, não, assim, do que você falou, mas isso faz muito tempo? Por exemplo, tem muito tempo que você já pagou a sua cadeia ou isso é recente?

Sujeito 8: Um ano já isso... Um ano atrás...

Ana Carla: Você cumpriu a...

Sujeito 8: Cumpri tudinho, certinho... Fiquei sete meses até o dia da audiência...

Júlio: E me diz assim, conta aqui pra gente... Aquele momento que você tá saindo, tendo acabado de cumprir aquela pena, que sentimento que você trazia dentro de você pra voltar pro mundo?

Sujeito 8: ((pausa)) de raiva...

Ana Carla: Raiva? Raiva de quê?

Sujeito 8: De saber até que... Ter que fazer muitas das vezes a mesma coisa pra podê me manter, por causa de falta de OPORTUNIDADE... Por causa de falta... De correr atrás até a gente vai, a gente faz... Mas de... Sonhar com alguma coisa melhor...

Ana Carla: Você, (...), quando você saiu da cadeia, você não pensou em voltar pra sua família, pelo menos vê-los...

Sujeito 8: Não, por causa que eles olha eu de outro jeito hoje em dia, né... Num é mai aquele menininho de doze ano que saí de lá de dentro...

Ana Carla: Tá...

Sujeito 8: Aí é isso...

Ana Carla: Mas quando você tava na cadeia, eles...

Sujeito 8: Não...

Ana Carla: Eles visitaram você?

Sujeito 8: Não... Eu me virei do jeito que eu podia, né... Limpano o chão pros outro, lavano roupa pros outro...

Ana Carla: Eles nunca te visitaram?

Sujeito 8: Nunca... Até memo sabeno que eu tô no albergue eles num vai me ver...

Ana Carla: Então você tá sem contato com a sua família há muitos anos?

Sujeito 8: Um ano e pouco... Eu nem falo com eles direito... Já vi meu irmão, meu irmão finge que nem me conhece... Passa...

Ana Carla: Então você acha que se você tentar esse contato com eles de novo, essa aproximação, você não vai ter recepção...

Sujeito 8: Eu queria ter uma aproximação da minha família mesmo, sabe? Construir tudo NOVO...

Ana Carla: Ah, uma nova família...

Sujeito 8: Uma nova, tudo...

Ana Carla: Ah tá...

Sujeito 8: Outra coisa pra minha vida, PARAR DE FICAR SOFRENO... Cada vez que eu vou lá e eles fecha o portão... É mais uma dose de droga que eu uso... Verdade...

Ana Carla: É?

Sujeito 8: A pior coisa que tem é a solidão da rua... Porque aqui nós tamo em trinta, mas... Ninguém conhece ninguém...

Ana Carla: Aham...

Sujeito 8: No final da noite, é igual eu falei pro Júlio, é a pior hora que tem do morador de rua é a hora todo mundo vai pra sua casa e a gente não tem pra onde que ir...

Ana Carla: Aí é a hora que você volta pro abrigo, que é a hora triste...

Sujeito 8: É a hora que eu volto pro abrigo que é a hora triste... ((pausa)) Eu tenho vinte e dois anos... Eu num queria tá aqui todos os dia... E pra que que eu tô aqui todos os dia? Pra eu num ficar usando droga, pra num ficar tendo espaço pra fazer outras coisa ruim...

Ana Carla: Então você... Eu vejo que você faz um esforço pra não ter que ficar na rua, pra não ter que cometer algo que é... Que você sabe que não é bom? Não é isso?

Sujeito 8: Isso...

Ana Carla: Você tá fazendo esse esforço... De não ir pra rua, vem pra cá, pra não ter que fazer aquilo que você sabe, que você considera que... Que é ruim?

Sujeito 8: Que é ruim.

Ana Carla: Que é o quê? Que é usar drogas...

Sujeito 8: Usar drogas, roubar alguém...

Ana Carla: Roubar...

Sujeito 8: Entendeu? Pra mim num funciona mais não... Eu morro do jeito que eu tô num faço isso mais não...

Ana Carla: (...) uma coisa que eu acho assim... Eu acho não... Não consegui entender... (...) Você tá há dez anos na rua, que eu...

Sujeito 8: Isso...

Ana Carla: Que eu entendi...Você tava com doze anos... Agora você tá com...

Sujeito 8: Vinte e dois.

Ana Carla: Vinte e dois anos, então, praticamente, você tá, é... Dez anos na rua... Desses dez, você ficou um tempo morando na rua aqui, você foi pra São Paulo já, não é isso? Morou um tempo lá na rua, né? Mas, nesse tempo, você não... Em nenhum momento você teve uma recepção de novo... De você ir lá na casa da sua família só pra ir tomar um café:... Nunca te aceitaram?

Sujeito 8: Não...

Ana Carla: Você tentou ir?

Sujeito 8: Já tentei, com a dona Marley () fomo lá, aí minha mãe fez um ESCÂNDALO:... Depois desse dia, eu nunca mais eu fui lá...

Ana Carla: Ah tá... Sua mãe não quer realmente... Você... Você tem pai, (...)?

Sujeito 8: Eu não sei quem é o meu pai

Ana Carla: Você não sabe que é o eu pai? Tá... ((pausa)) É... Você uma história... Ele... Você é muito NOVO... Tem possibilidade de... Você faz uso de drogas ainda, (...)?

Sujeito 8: Muito fraco de maconha...

Ana Carla: Você mais, você usa, é... Quando usa, é maconha?

Sujeito 8: Isso...

Ana Carla: O pó, o crack não?

Sujeito 8: ((entrevistado emite som de negativa))

Ana Carla: Você tem consciência do que que é usar a droga... Que não é uma coisa boa...

Sujeito 8: Num é uma coisa boa não... Foi uma coisa que veio na minha vida de curiosidade também... Destruíu comigo... Tudo...

Ana Carla: (...) e na rua é fácil você conseguir tudo isso aí, (...)?

Sujeito 8: É. Aparece de tudo quanto é jeito... Ou velho amigo... Ou o cara que você acabou de fazer amizade... É uma menina... Aparece um monte de coisa na rua...

Ana Carla: Certo...

Sujeito 8: De bom, não muitos... Mas de ruim aparece convites...

Ana Carla: Então é isso que eu queria perguntar... Lá no começo eu já perguntei... Você vê, assim, nessa vivência de rua, tem alguma coisa boa que viver na rua oferece?

Sujeito 8: Não...

Ana Carla: E o que tem de ruim?

Sujeito 8: O que tem de ruim tem um MONTE...

Ana Carla: É isso que você acabou de...

Sujeito 8: É gente chamando você pra vendê droga, é gente chamando você pra robá... É gente achando que você... Num tem nada na vida, então já eu não tenho nada nada na rua, vamo tentar dá a sorte, vamo robá alguma coisa pra vê se a gente dá sorte... (E eu tô tranquilo disso daí...) Esses é os convite que aparece pra quem mora na rua... Ou TRABALHO, quando aparece um trabalho prum morador de rua é um trabalho que paga vinte reais procê ficar carregano uma lata de concreto... É assim que eles enxerga a gente...

Ana Carla: Ah... E esse tipo de trabalho aparece?

Sujeito 8: É esse tipo de trabalho que aparece pro morador de rua... EXPLORAÇÃO pra quem num tem nada...

Ana Carla: Ah, então existe esse outro... Esse outro fator... Você acha que o morador de rua é explorado?

Sujeito 8: Também... Também...

Ana Carla: Então... Aí você entra num outro ponto, que eu acho importante, que é o seguinte... Você acha que o morador de rua é discriminado?

Sujeito 8: Eu acho...

Ana Carla: Como que é essa discriminação?

Sujeito 8: É até mesmo com o... Com o próprio FAMILIAR, né, da gente também... Quando os outro da rua... Doze ano que eu saí... Há dez anos pra atrás eu saí da rua... Do jeito que vê eu, do jeito que... Eles tem até vergonha de mim... Muitas vez...

Ana Carla: (...) as e a sociedade? As pessoas em geral?

Sujeito 8: A sociedade também, né, condena, muitas das vez... Ou é um drogado, ou é... Mas muitas coisa nem é... Tem pessoa que tá na rua que nunca usou DROGA na vida... Que eu conheci já... Mas eles olha a gente como se fosse um drogado, um desocupado, uma pessoa que num tivesse sonho, uma pessoa que num tivesse VONTADE... O que mais tem ()...

Júlio: Bom, nesse contexto que você falou aí, eu queria te perguntar assim () é... Você acha que viver na rua tem que ser vagabundo ou precisa de uma luta muito grande pra sobreviver?

Sujeito 8: Precisa duma luta muito grande pra sobreviver, né, Júlio... Viver na rua num é vagabundo...

Ana Carla: Normalmente você acha que... A pessoa vai pra rua por... Por vários, diversos motivos, não é isso?

Sujeito 8: Eu acho assim... Tem um monte de coisa que dá pra ser feita.. Eu acho assim... Se eu tiver um filho, pode ser o problema que for, né, cara, mas eu não vou desistir dele NUNCA... Eu penso assim... Cada um tem o seu jeito de pensar...

Ana Carla: Então um dos grandes determinantes nisso aí foi a falta da não aceitação da sua família, você acha?

Sujeito 8: De não... De...

Ana Carla: De ter desistido de você?

Sujeito 8: De ter desistido... ((pausa)) A minha mãe memo me... Eu chamo a minha mãe de VÓ... A minha mãe de Suzana, normal... Eu num consigo ter raiva que é a minha mãe, né, mas:::.... É muita coisa que aconteceu... Parar em São Paulo, voltei pra cá, peço ajuda... Só as coisa vai mudano... Da parte da vida dela e da.... Do meu irmão... Eu tenho um irmão que tem vinte e quatro ano e num faz NADA, só joga videogame o DIA INTEIRO... Só que é... Totalmente comportamento diferente quando nós dois tamo em casa... Quando a gente... Nós dois tamo em casa... O jeito dele, as roupa dele vinha pra mim... Ele já ganhava as nova, eu já ganhava as outras...

Ana Carla: Ele é mais velho que você?

Sujeito 8: Ele é mais velho do que eu... ((pausa)) Ele saía, eu num podia sair... Aí foi passando um certo tempo, eu fui fazeno o que dava na minha cabeça... Aí eles foram me pedino pra sair, aí eu saí... A partir desse dia eu nunca mais voltei...

Júlio: Eu queria fazer mais uma pergunta que pra você aqui bateu aqui na minha mente... Por exemplo, no teu sonho, que você tá falando de ter... De ter uma nova família, né... Uma nova família, vai dizer assim, uma esposa... Hoje, se você tivesse uma esposa, ali, que você visse que era ELA na tua vida... Defina ela na tua vida, assim, com uma simples palavra que você diria pra ela...

Sujeito 8: Ah, seria TUDO pra mim... ((pausa)) Uma pessoa pra dá força, tá ligado? É outro jeito... Não pra jogar pra baixo...

Ana Carla: Uma pessoa que te levante?

Sujeito 8: Entendeu? Disposição pra ir atrás tem, mas... Uma pessoa GUERREIRA, tamém, entendeu? Pra montá tudo isso aí, entendeu? Pros outro vê que... Pra mim memo vê que TEM JEITO, cara... É isso que me faz vim prá cá todo dia... Deu olhar pra mim pro espelho e vê que eu ainda eu tenho chance deu tá vivo, entendeu? É isso que num desanima... Porque se for pra pensar... O que que eu tenho hoje que eu queria pra mim? NADA...

Ana Carla: (...), deixa eu te perguntar uma coisa: você já passou em algum outro... Serviços públicos daqui de São José dos Campos? Você já teve em outro serviço, por exemplo, abrigo de criança em adolescente?

Sujeito 8: Já...

Ana Carla: Ah, você já teve na situação de abrigo?

Sujeito 8: De abrigo de adolescente? Aí eu saí de lá... Eu saía de lá pra ir atrás da minha família DIRETO...

Ana Carla: Ah tá... Então você foi abrigado... Isso foi depois de doze anos? Ou foi antes?

Sujeito 8: Foi antes...

Ana Carla: Ah, foi antes então... Então você foi pro abrigo de...

Sujeito 8: De adolescente...

Ana Carla: De adolescente com quantos anos?

Sujeito 8: Quatorze anos... Quinze, acho... Achava na rua e me levava pro abrigo, mas eu saía pra rua de novo...

Ana Carla: Ah tá... Isso depois dos doze anos que você começou a sair pra rua?

Sujeito 8: Foi...

Ana Carla: Aí eles te achavam e te levavam pro abrigo?

Sujeito 8: Isso...

Ana Carla: Aí você fugia, voltava, fugia e voltava? Isso aí ficou por... Longos anos?

Sujeito 8: Foi...

Ana Carla: E lá no abrigo você tinha alguma pessoa que você tinha algum vínculo, assim, algum profissional...

Sujeito 8: Ah, todos os menino, né... Tinha muitos menino lá dentro... Do abrigo...

Ana Carla: Certo. Bom... Então fala pra mim mais uma vez eu vou te perguntar... Eu já fiz outras entrevistas, então tem outras pessoas que têm... Que tão falando essas palavras aí, né? Que normalmente é usada na rua... Que são palavras diferentes do nosso vocabulário do dia a dia... Você lembra de mais alguma coisa? Fala pra mim a palavra e qual que é o significado...

Sujeito 8: Deixa eu ver...

Júlio: E às vezes, assim... Às vezes é até uma diferença, porque nós tamo mais no interior... Às vezes essas palavras são mais fortes, por exemplo, na CAPITAL... Entendeu? Às vezes você vai trazer um contexto de uma palavra que é falada na capital e aqui no interior não tem...

Sujeito 8: Nossa...

Ana Carla: Não lembra nada?

Sujeito 8: Não lembro...

Ana Carla: Por exemplo, eu vou te dar um exemplo que nem essa que você falou aí que é a...

Sujeito 8: O encharque, né? MAGUEIO, ENCHARQUE....

Ana Carla: Manguieio e encharque significam o quê? Pedir...

Sujeito 8: Pedir...

Ana Carla: Tá... Não tem mais nada... Que vocês usem entre vocês, assim...

Sujeito 8: A gente usa entre... É muita GÍRIA, né? Muita BRINCADEIRA... Muito sorriso no rosto que a única coisa que num vão ROUBAR da gente...

(...)

Júlio: Aquela hora, sem querer eu te cortei, você ia falar... Que a gente tava falando dessas palavras, do encharque, mas você tava respondendo uma coisa nessa relação que é importante... Que você tava começando a falar de um contexto, de umas regra básica que você tomava na rua que fosse uma segurança pra você, né?

Sujeito 8: Ah, lembro...

Júlio: Então. Fala um pouquinho pra gente...

áSujeito 8: Aí é num mexê na coisa do outro, né... Num... Se poder ajudá o outro andarilho, ajudá... Se num poder, num atrapalha, né... Algumas lei na rua, né? Tomá cuidado pra usar droga na rua por causa de criança...

Ana Carla: Ah, então existe essa lei na rua? Pra não usar...

Sujeito 8: Na frente de criança...

Ana Carla: Por conta de criança... É mesmo?

Sujeito 8: Sempre tomano cuidado com isso...

Ana Carla: Isso é interessante... Isso eu nunca tinha ouvido... É... Você trouxe uma coisa diferente, (...)...

Sujeito 8: Porque as criança num tem nada a vê com a gente, né...

Ana Carla: Isso é uma lei geral, assim?

Sujeito 8: É...

Ana Carla: Do pessoal da rua?

Sujeito 8: É... Isso mesmo...

Ana Carla: Que legal...

Sujeito 8: Chama de anjo, né, as criancinha... “Oh os anjinho passano, esconde...” Até em São Paulo, na cracolândia é assim...

Ana Carla: Isso significa que vocês têm... Têm um respeito ainda pela...

Sujeito 8: Nós num queremos pro filho dos outro o que a gente viramo... Num queremos não...

Ana Carla: Você tem essa consciência de que o que você virou não é uma... Que a situação que você tá hoje não é uma situação boa?

Sujeito 8: Tenho, tenho...

Ana Carla: E você quer sair dessa situação?

Sujeito 8: Eu quero sair dessa situação DIA APÓS DIA...

Júlio: Tem lutado pra isso?

Sujeito 8: Tenho lutado pra isso... Que é fácil tá num Campo dos Alemães da vida essas hora ganhamo trezentos, quatrocentos reais fazeno o que num presta... É FÁCIL... Mas memo assim eu num consegui NADA... E tentar o certo, né? Eu cansei de tentar errado, só batê a cabeça...

Ana Carla: E você tem vinte e dois anos, (...), você tem todas as possibilidades... Talvez com uma maior dificuldade agora, né, por conta do que você já vivenciou aí, mas... É possível... É possível... E eu vejo que você QUER.

Sujeito 8: Quero.

Ana Carla: Não é isso? Bom (...), muito obrigado, tá? Essas informações vão ser transcritas, a gente vai gravar nessa, vai ser... Nessa tese... Tá certo? É... Você tem algum problema em ser identificado ou não?

Sujeito 8: Não, pode pôr o meu nome...

Ana Carla: (...) Então tá certo. Eu te agradeço... Vai contribuir bastante pra minha pesquisa.

Sujeito 8: Tá bom...

(...)

Entrevista

Ana Carla (Entrevistador principal), Leandro (Entrevistador complementar) e Simone (Entrevistada 03)

Entrevistada 03: Eu saí de casa com quatorze anos de idade, quatorze anos então eu praticamente fui mãe, bem dizer, eu fui mãe com treze, treze anos. Aí o que acontece, eu fui para a casa da minha mãe, minha mãe não quis me aceitar por causa do meu padrasto que tava dentro de casa, aí eu peguei e fiquei pra rua, ganhei aonde eu fui ganhar meu filho, na casa da minha irmã mora em São Paulo. Aí eu peguei, ganhei, passei a guarda, eu tive que passar a guarda pra ela, definitiva.

Entrevistador: Mas você sofria alguma violência em casa?

Entrevistada 03: Eu sofri duas.

Entrevistador: Enquanto criança?

Entrevistada 03: Do pai dele, do pai dele.

Entrevistador: A do pai do seu filho.

Entrevistada 03: Do pai dele.

Entrevistador: Mas na sua casa com mãe, padrasto não?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador: Então você não tinha histórico de violência em casa?

Entrevistada 03: Em casa não.

Entrevistador: Tá.

Entrevistada 03: Aí eu tive que pegar passar apenas a guarda dele, do meu filho, pra ela de uma vez, de vez, que eu estava com situação de rua. Era só crack, crack, eu só tava usando e não queria saber de banho, não queria saber de se alimentar, não queria saber de nada, não queria saber nem de estudar mais, tinha abandonado até a escola.

Entrevistador: Quando você ficou sabendo que você estava grávida, você teve que sair de casa, você foi expulsa de casa ou por opção sua?

Entrevistador: Ah você foi expulsa por conta [fala interrompida].

Entrevistada 03: Eu cheguei na minha mãe e contei, mãe eu to grávida e eu vou ficar em casa, e ela virou e falou pra mim, aqui não é o seu lugar, aqui não é o seu lugar. O seu lugar é junto com o pai do seu filho que te engravidou.

Entrevistador: Hum, ta.

Entrevistada 03: Foi na hora que eu peguei e falei, liguei para minha irmã em São Paulo.

Entrevistador: Ah ta.

Entrevistada 03: Aí eu peguei e liguei pra ela, ela veio e me pegou, me levou pra casa dela, aí falei assim ó, aí ela perguntou você vai deixar, você vai passar a guarda definitiva dela pra mim, aí eu falei eu vo, porque eu não vou ter condições de criar uma criança na rua.

Entrevistador: Com treze anos?

Entrevistada 03: Com treze anos e sabendo, já tava com um projeto, olha pra você ver, com um projeto na cabeça de sair do hospital e cheguei a usar crack dentro do hospital, você já se viu uma coisa dessa? Eu nunca.

Entrevistador: Mas com quantos anos isso Simone?

Entrevistada 03: O crack eu comecei usar com dez anos de idade.

Entrevistador: Você começou a usar crack com dez anos de idade, dentro de casa? Seus pais tinham histórico de usar drogas?

Entrevistada 03: Ele foi um deles que me ensinou a fumar crack.

Entrevistador: O seu pai ou padrasto?

Entrevistada 03: Meu pai legítimo.

Entrevistador: Ah, o pai legítimo. Ah ta.

Entrevistada 03: Foi um desses que me ensinou a fumar o crack.

Entrevistador: A usar o crack, com dez anos.

Entrevistada 03: Com dez anos.

Entrevistador complementar: Quantos anos você esta hoje Simone?

Entrevistada 03: Com três, seis.

Entrevistador: Trinta e seis.

Entrevistada 03: E aí porisso que eu não tava parando na casa de convivência, porisso que eu não tava parando no abrigo, entrava e saía, entrava e saía, que até belo dia, que até um belo dia se me cercou na casa de convivência e falou que preciso falar com você urgente Simone, naquela hora ali Ana Carla, eu tava com dinheiro, já tava, já tava, o foco meu naquela era ir lá na passarela.

Entrevistador: Então você começou a usar o crack com dez anos e o seu pai te ensinou a usar o crack. Aí você engravidou e foi pra rua, não é isso? Você chegou a usar você já tinha uma dependência de álcool, você está me dizendo que você usou.

Entrevistada 03: Não, álcool não bebi.

Entrevistador: Mas o crack que você usou dentro do hospital, conseguia fazer isso? Mas alguém levava para você?

Entrevistada 03: Não, eu cheguei a levar dentro da minha bolsa.

Entrevistador: E aí você teve sua filha, o filho né e foi para a casa da sua irmã e passou a guarda pra ela?

Entrevistada 03: Passei a guarda definitivamente pra ela.

Entrevistador: E aí depois disso?

Entrevistada 03: Aí depois disso eu continuei só tava...

Entrevistador: Só na rua?

Entrevistada 03: Só rua, rua, rua, era direto, era vinte e quatro hora por quarenta e oito.

Entrevistador: Mas e aí você morou um tempo em São Paulo com a sua irmã?

Entrevistada 03: Não, eu vim embora direto.

Entrevistador: E aí você saiu e deixou a criança lá e veio embora para São José?

Entrevistada 03: Vim embora direto.

Entrevistador complementar: Isso você tinha quantos anos?

Entrevistada 03: Ai tava com, já tava quase com treze.

Entrevistador: Com treze que foi quando ela teve a filha.

Entrevistador complementar: Deixa eu te fazer outra pergunta para você, com quantos anos você teve a sua primeira relação sexual?

Entrevistada 03: Treze, quatorze anos.

Entrevistador complementar: Quatorze anos?

Entrevistada 03: Aí tive ele, meu muleque, com quatorze, com treze. Engravidei com treze e tive ele com quatorze.

Entrevistador: Aí você veio e deixou com a sua irmã, voltou para São José dos Campos e aqui você tinha onde ficar Simone?

Entrevistada 03: Ah eu tava ficando na casa minha mãe, aqui na Vila Paiva.

Entrevistador: Tá, aí ela te aceitou de volta.

Entrevistada 03: Aí depois de tudo o tempo, depois dessa rotina toda, aí ela me aceitou de volta, aí ela foi agora e arrumou esse padrasto, esse homem aí.

Entrevistador: Mas você chegou a viver um tempo com o pai do seu filho?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador: Não?

Entrevistada 03: Que ele era, ele era muito...

Entrevistador: Agressivo?

Entrevistada 03: Agressivo e eu já também, já tava daquele jeito, já não tava nem aí pra vida mais, eu pegava minhas coisas, todas coisas que eu pegava era celular, era as coisas tudo que eu pegava na mão ia embora.

Entrevistador: Você usava.

Entrevistador: Então você diria que, seguindo o roteiro aqui, que o motivo que levou você ir pra rua foi ter engravidado, a sua mãe não ... você foi expulsa, você foi expulsa de casa, é isso.

Entrevistada 03: O roteiro não ...

Entrevistador: Tá. E o que quê a rua representa pra você Simone? Nesse tempo aí, o que quê é a rua para você?

Entrevistada 03: Ela me ensinou muita coisa, ela bateu e ensinou ao memo tempo.

Entrevistador: Bateu e [fala interrompida].

Entrevistada 03: Ela bateu e me ensinou coisa ruim, coisa ruim e uma coisa boa em outra parte.

Entrevistador: Fala pra mim algumas experiências marcantes de rua? Ou seja, lá uma experiência boa, uma experiência muito ruim.

Entrevistada 03: Ah, é uma experiência muito boa, mas não é muito bom também porque eu caí na prostituição, né.

Entrevistador: Tá.

Entrevistada 03: Se ou ... eu comecei a trabalhar lá na Praça Afonso Pena lá que não parava, era todo dinheiro que eu pegava, era Banhado, todo dinheiro que eu pegava, era Banhado.

Entrevistador: Então você se prostituiu para poder ter o dinheiro pra [fala interrompida].

Entrevistada 03: Se manter.

Entrevistador: Manter a droga.

Entrevistada 03: O vício.

Entrevistador complementar: Com qual idade? Quando você começou a se prostituir?

Entrevistada 03: Ah eu já tava com mais de dezoito.

Entrevistador: E isso aí ficou se estendeu por muito tempo Simone?

Entrevistador: Você ficou nesta situação muitos anos? Quanto tempo mais ou menos?

Entrevistada 03: To com três, seis, um tempo já. Mais de um ano.

Entrevistador: Uns vinte anos mais ou menos, por aí. Você nunca foi morar numa casa fixa depois? Nunca teve uma casa fixa?

Entrevistada 03: [Sinal vocal indicando negatividade].

Entrevistador: E você fica na rua aonde Simone? Dorme embaixo da ponte?

Entrevistada 03: Não eu tava, quando eu tava usando, tava usando, eu não durmo.

Entrevistador: Ah tá, você não tem necessidade [fala interrompida].

Entrevistada 03: Eu não durmo.

Entrevistador: Você não tem necessidade de dormir?

Entrevistada 03: Eu não durmo. É vinte e quatro horas acordada, eu não durmo Ana Carla.

Entrevistada 03: Os outros fala, tem gente que fala assim “não sei como que você aguenta”. Teve um dia Ana Carla que eu fiquei três dias e quatro noites sem dormir.

Entrevistador: Usando de dia e de noite? Você se prostituía, pegava o dinheiro e usava?

Entrevistada 03: E quando não aparecia de carro ainda pra ir pro hotel fumar.

Entrevistador: Tá. Quais as dificuldades muito grandes que você enfrenta na rua, fala pra mim.

Entrevistada 03: Ah, é [fala interrompida].

Entrevistador: É o frio, é fome, é violência, por exemplo, qual a maior dificuldade para quem está na rua?

Entrevistada 03: Ah .. fome, fome, eu nunca passei na rua.

Entrevistador: Nunca passou?

Entrevistada 03: Não, fome eu nunca passei. Que eu via que dava fome em mim, eu já corria atrás de comida, já corria atrás das coisas pra mim.

Entrevistador: Tá e outras [fala interrompida].

Entrevistador complementar: Encontrava com facilidade?

Entrevistada 03: Ah eu batia nas casas né, eu pedia, casa. Pedia, pedia coberta, pedia, pedia alimento, pedia tudo.

Entrevistador: Você tinha dificuldade para ter, mendigar essas coisas?

Entrevistada 03: Ah numa parte eu achava muito difícil, que tinha gente que dava, tinha dia que, tinha gente que já não dava né, falava que não tinha.

Entrevistador: Tá, e assim, além disso, tem algumas outras coisas ruins que a rua oferece?

Entrevistador: Fala pra mim o que quê tem.

Entrevistada 03: Muita coisa ruim porque eu deitada, tava com a coberta assim ó [entrevistada ilustrou], uma coberta de pelucí, a sorte minha que não sei, acho que foi Deus que me avisou, eu cabei de deitar, que eu me cobri, me deita um cara do lado assim, passou um cara de moto e jogou a gasolina e lascou fogo. Eu me sinto aquele calorão, falei, olhei [fala interrompida]

Entrevistador: Então lascou fogo?

Entrevistada 03: O guarda do posto virou e falou assim “você nasceu de novo”, eu falei por quê? “você não viu o que aconteceu do seu lado?”. Eu falei só senti o calor, o bafo do fogo, o cara passou e jogou gasolina no homem ali e você não viu.

Entrevistador complementar: Deixa eu perguntar uma coisa para você, essa criança que você falou, foi seu primeiro filho?

Entrevistada 03: Meu primeiro filho.

Entrevistador complementar: Quantos filhos você tem hoje?

Entrevistada 03: Ah eu tive ... fora dois que morreu né, que Deus me livre, era para ser dezoito, tenho dezessete.

Entrevistador complementar: Tem dezessete?

Entrevistador: Dezessete filhos. Esses filhos todos são frutos dos programas que você fazia?

Entrevistada 03: Era.

Entrevistador: Você não conseguia prevenir, nada?

Entrevistada 03: Na hora ..

Entrevistador: Na hora nada.

Entrevistada 03: É porque quando tava daquele jeito, você vai ver como?

Entrevistador: E todos os filhos seus foram adotados?

Entrevistada 03: Não, teve dois que (risos), teve dois que eu deixei com o pai.

Entrevistador: Tá.

Entrevistada 03: Porque eu não ia criar um filho, as crianças sozinhas.

Entrevistador: E você tem contato com esses filhos?

Entrevistada 03: O Léo ta morando no Satélite, ali no Ouro Fino e o Jonathan e o ... Rafael estão morando aqui no Jardim Paulista.

Entrevistador: Tá, mas você consegue ter contato e ver eles?

Entrevistada 03: Eu não tenho o telefone deles, eu queria ter o telefone deles pra mim ligar pra eles.

Entrevistador: Mas os pais autorizam?

Entrevistada 03: Eles sabem que eu vou lá.

Entrevistador: Eles sabem?

Entrevistada 03: Sabe que eu vira e mexe, eu to, que eu to ... procurando eles. Mas ele mesmo falou pra mim que ele não pode proibir.

Entrevistador: Tá.

Entrevistada 03: Ele não pode proibir de ir ver as crianças.

Entrevistador: E você acha Simone que, por exemplo, a pessoa que vive na rua hoje né, o fato de ir pra rua está ligado ser pobre, rico, não? Ta ligada à classe social é isso?

Entrevistada 03: Ah, isso aí eles, eu mesmo já vi uma pessoa, já vi esses tempos atrás antes de eu voltar pra casa de convivência eu tava vendo a matriz, a minha irmã tinha chegado, óh para você ver, eu tava durmindo, depois de três, de dois, ó vai chover, depois de ter meis que eu fui e deitei no banco assim, minha irmã chegou e me acordou junto com a minha filha, com a Carol, “mãe, mãe, mãe”, eu hãh, hãh, hãh, desse jeito. Aí a hora que eu acordei que eu lavei o rosto, aí perguntaram pra mim “que ce ta fazeno aqui” , aqui não é seu lugar.

Entrevistador: Isso sua filha?

Entrevistada 03: Minha filha.

Entrevistador: Então você tem vínculos familiares no município ainda?

Entrevistada 03: Eu tenho.

Entrevistador: Eu vejo que ela tem esse contato com o filho, com os pais dos seus filhos [fala interrompida].

Entrevistada 03: O Léo mesmo [fala interrompida].

Entrevistador: Você acessa serviços de população de rua? Por exemplo, serviços públicos? Abrigo, casa de convivência, desde quando?

Entrevistada 03: Desde 2009.

Entrevistador: Desde 2009. O abrigo você está desde quando?

Entrevistador complementar: 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014.

Entrevistador: Você está há cinco anos no abrigo.

Entrevistador complementar: Você tem vinte e quatro anos na condição de rua, o resto você viveu todinho nela?

Entrevistador: Então você viveu todo esse resto de tempo na rua e cinco anos no abrigo.

Entrevistada 03: Cinco anos no abrigo.

Entrevistador complementar: Vinte e quatro, são dezenove anos de rua.

Entrevistador: Você sempre dormia assim em matriz, como é que era? Conta essa história pra mim.

Entrevistada 03: Ah eu procurava lugar.

Entrevistador: Como é que era?

Entrevistada 03: Não tem a Esquina do Peixe que nós passa todo dia de Van para ir pra Casa de Convivência? Ali, eu durmo, naquele outro restaurante que tem aquelas cadeiras vermelhas, eu durmia ali direto. Abordage já foi ali, o ... como que é? O acolher já foi ali me abordar, o João memo, o João da abordagem cansou de me abordar.

Entrevistador: E você então acostumou a viver na rua?

Entrevistada 03: Eu ... agora desacostumei.

Entrevistador: Você sentiu muito frio na rua?

Entrevistada 03: Eu sentia muito, eu sentia era, era mais de madrugada.

Entrevistador: Além dessa violência aí que você contou desse rapaz que pôs fogo em alguém, você já sofreu outras violências de apanhar?

Entrevistada 03: Já.

Entrevistador: Já? Conta um pouco.

Entrevistada 03: Ali perto da escola Olímpio Cathão, foi num sábado, isso foi na época da Linete, aqui na Casa de Convivência, ali ó, eu tava indo pra escola, tava la perto da escola já, aí o cara pegou a alça da mochila pensando que tinha dinheiro, pensando que tinha as coisas, mas não tinha nada, só tava o meu celular, o celular tava tocando, aí na hora que eu fui pegar o celular ele puxou, aí ele arrebentou a mochila, ele viu que eu não soltei a mochila, aí ele pegou eu e rastou eu pelo cabelo, da .. daquele, daquela descida do Banhado e me empurrou lá embaixo, aí chegou lá embaixo catou eu pelo cabelo, eu acho que .. não sei se tem marca, puxou eu me rastou pelo cabelo e chegou lá embaixo começou a passar meu rosto assim, na terra. Imagina quando ele passava, sangrava, aí se não podia por a mão aqui, nem aqui nessa parte do meu corpo, aí quando foi eu só falei meu Deus me coloca alguma na minha frente pra mim pegar e já soltar na onde que não deve pra ele não fazer mais nada, pra ele não ter força de fazer mais nada, nisso que eu peguei, passei a mão no paralelepípedo e soltei, o jeito que eu soltei e não sei como que eu subi aquele morro, correndo toda sanguentada, aí eu gritei, aí eu gritei e os meninos lá de baixo já veio, do jeito que veio não deu tempo dos caras matar, porque o cara já tinha subido, correu atrás de mim pra ver se eu já tinha pra fazer alguma coisa, aí viu que não dava mais tempo, que eu fingi que eu tinha morrido atrás da banca de jornal, perto da matriz ali.

Entrevistador complementar: O Simone deixa eu te perguntar uma coisa, por exemplo, só dessa cena que você disse da prostituição, que você teve por um

período, por exemplo já pelo fato de você ter a condição de rua que você disse também, aconteceu com você em certos momentos de homem encostar e oferecer pra você, uma condição de você sair da rua, morar com eles, em algum momento dessa caminhada? Principalmente quando você estava mais nova, uma certa adoção, da pessoa chegar mesmo vendo você na condição que estava te oferecerem assim “porque você não vem e mora comigo”, esse tipo de oportunidade, ela chegou até você?

Entrevistada 03: Teve sim mais eu tive na, como eu tava com a cabeça cheia já, já falava que não, só pegava o dinheiro e já saía, entendeu, várias vezes já aconteceu vou falar a verdade pra você, abandonei minha casa de novo Ana Carla, eu não quis ficar, eu não quero ficar.

Entrevistador: Você não quer ficar na casa?

Entrevistada 03: Eu não quero, pra ficar .. ser mandada.

Entrevistador: Mas que casa você morava?

Entrevistada 03: Lá no Buquirinha.

Entrevistador complementar: A casa da sua mãe?

Entrevistador: Não é uma casa que ela ganhou.

Entrevistador complementar: Ah ta, entendi.

Entrevistada 03: Eu não quero, pra mim ser mandada. Eu tava morando com uma pessoa e você conhece essa pessoa, trabalhou tudo de motorista e tudo no abrigo.

Entrevistador: E casa está no seu nome?

Entrevistada 03: A casa tá e eu não quero. Porque que eu não quero? Porque eu não gosto, pô chegava do serviço era roupa lavada, almoço pronto, casa limpa, tudo certinho. Chegou um certo tempo eu saí da casa do irmão dele, chego em casa eu pego ele falando com a ex mulher dele.

Entrevistador: Às vezes ela já tem essa experiência de rua e realmente uma pessoa que da forma dela é independente, ela quer ter essa independência e é difícil para a pessoa que tem essa vivência de rua, ser independente e estar num local e ter alguém te controlando, a sua vida.

Entrevistada 03: Sabe o caso, os materiais da casa, não precisa me falar o que eu tenho que fazer, o que eu deixei de fazer, o que tenho deixou de fazer. Se tenho roupa pra lava eu vou lava, se eu tenho almoço pra fazer eu vou fazer, se eu tenho .. se eu vou fazer tal coisa eu vou fazer, eu tenho que fazer, é minha obrigação de limpar a casa?é; minha obrigação de fazer aquilo? é; não

precisa ficar toda hora no meu pé. Agora toda hora fica em cima de mim e fica me cobrando, não é assim, eu não gosto.

Entrevistador: Deixa eu te perguntar uma coisa, você já sofreu violência na rua nesse tempo de rua pela polícia?

Entrevistada 03: Não. Isso daí não.

Entrevistador: Nunca sofreu violência pela polícia?

Entrevistada 03: Isso daí não.

Entrevistador: Qual é sua grande expectativa Simone, em relação ao futuro. O que você espera pra você?

Entrevistada 03: Ah eu quero sair daquele lugar, porque eu não aguento mais.

Entrevistador: Qual lugar?

Entrevistada 03: Aquele abrigo.

Entrevistador: O abrigo. O abrigo municipal?

Entrevistada 03: Eu to lá pra mim não ficar na rua porque eu não quero ficar na rua, eu não quero ficar dependendo de ... não quero ficar na rua e não quero depender da minha família.

Entrevistador: Qual sua expectativa então para sair dessa situação?

Entrevistada 03: Minha expectativa é aí ano que vem se Deus quiser vou começar, arrumar um serviço e trabalhar.

Entrevistador: Você já tem experiência de trabalho Simone, em algum local? Já teve carteira registrada?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador: Nunca teve carteira registrada?

Entrevistador Entrevistada 03: Qual a sua escolaridade?

Entrevistada 03: Eu só estudei até a segunda série só, eu não terminei.

Entrevistador complementar: Estudou primário?

Entrevistador: E quais são suas experiências de trabalho assim que você teve? Você já trabalhou com o que?

Entrevistada 03: Trabalhei... trabalhei mais na casa de família do que trabalhava lá na fábrica.

Entrevistador: Tá, você trabalhou como doméstica e depois você teve algumas experiências em fábricas também. Qual que é seu grande sonho? Isso você está me dizendo sua grande expectativa, um grande sonho seu?

Entrevistador complementar: Talvez traga assim desde o começo de tudo isso.

Entrevistada 03: Meu sonho é ver minha mãe feliz.

Entrevistador: Ver sua mãe feliz. Você tem contato com sua mãe ainda? Tem vínculo?

Entrevistada 03: Eu só não vou em casa Ana Carla, vou ser sincera com você, eu quase matei minha tia.

Entrevistador: Você quase matou sua tia.

Entrevistada 03: Que se eu for lá, eu vou acabar fazendo 'cagada'.

Entrevistador: E porque você quase matou sua tia?

Entrevistada 03: Porque ela veio dar um tapa na minha cara.

Entrevistador: Ah tá.

Entrevistada 03: E eu falei pra minha mãe, mãe eu só vou fazer ... eu peguei o, é porque ta intocado, é eu intoquei foram lá e cataram.

Entrevistador: Desde quando você não vê sua mãe Simone?

Entrevistada 03: Eu vejo minha mãe de vez em quando, ela passa lá perto de casa.

Entrevistador: Não, mais você não tem esse contato com ela.

Entrevistada 03: Ah faz pouco tempo.

Entrevistador: Ah tá. O que mais você acha que é importante falar pra mim? Foi importante ou bom ou ruim, nesse tempo de vida aí?

Entrevistada 03: Bom, bom, foi que eu retomei a minha amizade com o meu irmão né, depois de quatro anos, meus dois irmão.

Entrevistador: Que bom.

Entrevistada 03: Meus dois irmão. Depois de quatro anos ele... a gente se encontro, aí nisso daí hoje a gente se encontra, a gente se fala, mas a [fala interrompida].

Entrevistador complementar: Deixa eu te perguntar mais uma coisa, na condição de rua, na rua, tem algum parente seu sanguíneo, de sangue na rua?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador complementar: Não. Só você?

Entrevistador: Você acha que hoje em situação de rua é só pobre que fica em situação de rua ou tem ricos também?

Entrevistada 03: Tem ricos também, não é só pobre não.

Entrevistador: Pessoas de outras classes sociais.

Entrevistada 03: Tem rico também.

Entrevistador: Tem também. Hoje você para sobreviver, você ainda se prostitui Simone?

Entrevistada 03: Eu falei pra você Ana Carla, eu vou repetir, estou com trinta semanas sem uso de crack.

Entrevistador: Então isso é uma coisa assim ... é um marco.

Entrevistador: Você já ficou tanto tempo sem usar?

Entrevistada 03: Já fiquei um ano. Eu cheguei há ficar um ano sem usar.

Entrevistador: É. E voltou por quê?

Entrevistada 03: Ah é recaída. É porque depois que .. depois que o pai, depois que o meu marido mesmo morreu dentro de casa eu vendi a casa e foi tudo, aí peguei e [fala interrompida]

Entrevistador: Você teve uma casa com marido e ele morreu dentro de casa?

Entrevistada 03: Deu derrame cerebral.

Entrevistador: Os seus companheiros aí, eram usuários de droga?

Entrevistada 03: Não.

Não. Nenhum?

Entrevistador: Entrevistada 03: Era só eu mesmo.

Entrevistador: Só você.

Entrevistador complementar: Você já teve essa característica de marido uma única vez? Ou teve mais de uma?

Entrevistada 03: Ah eu ... esse que morreu de derrame eu morei com ele, eu fui morar com ele eu tinha dezoito anos. O segundo morreu, falaram que eu que matei (risos), falaram que as praga, que eu matei o Alexandre, vocês conheceram o Alexandre? Morreu no abrigo, um altão. Aí o ligeirinho foi a

mesma coisa, bebida. O ligeirinho coitado, ele saía de manhã e só voltava essas horas assim, só não voltava pra casa sem nada, era mistura, era mantimento, era tudo, voltava com o carrinho lotado.

Entrevistador: Você já precisou roubar para sobreviver?

Entrevistada 03: [Sinal facial indicando negatividade]

Entrevistador: Nunca roubou?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador: Interessante, porque boa parte dos usuários de crack acabam [fala interrompida]

Entrevistada 03: Acabam roubando a própria família.

Entrevistador: Exatamente. Você nunca roubou para [fala interrompida].

Entrevistada 03: De fato, é minha mãe quem me deve.

Entrevistador: Por quê?

Entrevistada 03: Meus quarenta real que ela vendeu meu notibook, por quarenta, que eu ganhei.

Entrevistador: Você ganhou um notebook Simone?

Entrevistada 03: Ganhei um notitbook zerinho, novido do meu filho, aí ela foi e vendeu.

Entrevistador: Pelo que você falou você quer ter esse contato com mãe?

Entrevistada 03: Mas eu vou ver ela, tá pensando que eu não vo? Eu vo.

Entrevistador complementar: Simone vou dar um parâmetro para você, por exemplo, como você classifica sua família, sua mãe, lá no começo quando você estava no meio da família, sua família é que nível de classe social? É humilde, é mais ou menos [fala interrompida].

Entrevistada 03: Minha mãe é humilde.

Entrevistador: Ou bem de vida?

Entrevistada 03: Não, minha mãe é humilde. Humilde.

Entrevistador complementar: Todo mundo dentro tem que trabalhar?

Entrevistada 03: Não, isso aí é só eu da família memo que não faz nada, o restante dos meus irmãos tudo trabalha.

Entrevistador complementar: E moram até hoje com sua mãe?

Entrevistada 03: Não.

Entrevistador: E todos eles aceitam você?

Entrevistada 03: Principalmente o Paulinho, o Paulinho e o Reginaldo.

Entrevistador: E não te aceitariam para morar com eles ou você que não tem essa vontade?

Entrevistada 03: Eu que não ficar dependendo deles.

Entrevistador: Não quer depender deles. E como é o serviço público pra você, o abrigo?

Entrevistada 03: Ah pra mim tá sendo bom porque pelo menos eles, eles mesmo falam pra mim “pô seu lugar não é na rua Simone, seu lugar não é a rua, seu lugar é junto com a gente”. Eles liga, liga aqui e fala que vem, não vem. “A gente tem que ta procurando você com a abordagem, tem que ta procurando você com a guarda, uma coisa que nunca precisou fazer isso com você”.

Entrevistador: E você está frequentando o SAMA, belezinha?

Entrevistador: Ela tá no SAMA.

Entrevistador complementar: Deixa eu te perguntar outra coisa, nesse período de condição de rua você teve em outras cidades fora de São José?

Entrevistada 03: É..

Entrevistador: Você nunca foi trexeira, por exemplo? Saiu daqui pra São Paulo?

Entrevistador complementar: Só São José?

Entrevistada 03: Não, nunca.

Entrevistador complementar: Que visão você tem de São José? Que palavra você usaria par São José em relação à condição de rua, ao morador de rua?

Entrevistada 03: Ah eu amo essa cidade, amo essa cidade cara.

Entrevistador: Mais o que você acha que o município oferece? A cidade oferece de São José dos Campos.

Entrevistador: Como é que São José dos Campos acolhe o morador de rua? São José, as pessoas, a sociedade, tudo. Como que você acha que é o acolhimento ao morador de rua?

Entrevistada 03: Você fala a abordagem?

Entrevistador: Não, as pessoas, em geral. Por exemplo, você está andando na rua, no comércio.

Entrevistador complementar: Geral, em relação ao pedir entendeu, ao correr atrás, tudo.

Entrevistada 03: Isso daí eles... muitas, eu já vi muitas, muitos, eles maltratam muito.

Entrevistador: Ah, a sociedade então [fala interrompida].

Entrevistada 03: Eles maltratam muito, por causa uns falam que é pra come, outros que é pra ir embora, outros fala que é pra viajar, mas não é.

Entrevistador: Você sofre discriminação por ser uma moradora de rua?

Entrevistada 03: Já fui muito, já fui muito.

Entrevistador: Mas você sofre ainda discriminação por parte das pessoas?

Entrevistada 03: Eu sofro principalmente da minha prima.

Entrevistador: É. O que ela já fez?

Entrevistada 03: Eu ia lá, direto lá, mas agora eu parei de ir, faz o quê uns dois anos que eu não vou lá.

Entrevistador: Porque, o que fez assim que [fala interrompida].

Entrevistada 03: Jogou, jogou, tava jogando as coisas na minha cara “agora você não vem nem pra tomar banho não, nem pra comer, porque você só vem aqui toma banho, come e sai fora, você vai usar sua droga, vai lá usar seu crack lá”.

Entrevistador complementar: Você diz que você ama essa cidade, você disse aí agora pouco. O que te leva a amar esta cidade?

Entrevistada 03: Óh, essa cidade pra mim eu não tenho o que falar dela, quem quiser falar que fale, eu não tenho nada pra falar. Desde quando a minha ... eu tive minha última recaída, última recaída mesmo, chegou uma pessoa, uma senhora de sessenta anos de idade e tava com quarenta dias, quarenta semanas sem usar, chegou uma senhora de idade e falou pra mim “minha fia joga essa portaria fora, o ralo tá ali óh, joga fora que isso aí não é seu não, isso daí não é pão nem café não, porque se isso daí enchesse barriga tava todo mundo com a barriga cheia e não tinha mais ninguém na cadeia, ninguém na crônica”.

Entrevistador: Então essa senhora você encontrou na rua?

Entrevistada 03: Encontrei na rua, do nada, do nada, do nada, aí ela pegou e falou assim pra mim, aí eu peguei e olhei bem pra ela, ela acabou de virar as costas eu olhei bem pra ela e não é que ela tem razão, eu tava com dinheiro cinquenta real no bolso e não é que ela tem razão.

Entrevistador: Simone vou encerrar aqui agora, foi muito boa sua entrevista, pode ser que a gente tenha que fazer mais momentos, você está vendo, tem uma riqueza muito grande de informação, pode ser que a gente faça de novo para acrescentar. Pensa em tudo que eu falei aqui, tá certo, pensa em tudo isso que eu falei e se você achar que tem mais informação, mais coisas, a gente marca.

Caso você lembre de alguma coisa mais, porque as vezes em um dia só a gente não consegue.